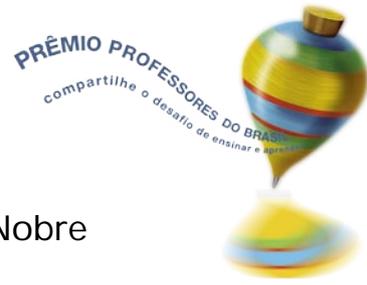


**Dados de identificação****Título:** Educação no trânsito**Professora:** Maria Dione da Silva Lopes**Co-autores do projeto:** Comunidade da Escola Raimundo Quirino Nobre

Escola de Educação Infantil Raimundo Quirino Nobre

**Município/ UF:** Cruzeiro do Sul/AC**Faixa etária atendida pela experiência:** 4 a 6 anos

## Educação no trânsito

A Escola de Educação Infantil Raimundo Quirino Nobre fica localizada no bairro João Alves, o acesso a escola se dá por uma escada e uma rampa, pois situa-se no alto de um morro. É construída em alvenaria, cercada por um muro e grades de ferro na parte da frente.

A instituição atende a 12 turmas, as crianças são moradoras do bairro, bem como, residentes em outros bairros próximos e distantes da escola. As crianças são filhas de diaristas, domésticas ou desempregados com pouca instrução escolar e também filhas de professoras, enfermeiros e militares. Muitas delas não vivem com os pais biológicos, moram com os avós ou apenas com o pai ou com a mãe.

O principal problema enfrentado pela instituição é referente à falta de estrutura física adequada, o que causa dificuldades para o desenvolvimento de algumas atividades recreativas e ao ar livre, que são limitadas por falta

de espaço físico. No entanto, a escola também apresenta aspectos positivos que valem ser ressaltados. Destacamos o comprometimento do corpo docente da escola, empenhado e envolvido com a aprendizagem das crianças. Este aspecto fica claro em vários momentos, tais como no planejamento pedagógico, nas atividades em classe e extra-classe.

O Projeto Escolar da instituição visa desenvolver um trabalho inovador e de qualidade que assegure o sucesso de todas as crianças que frequentam a escola, sem exclusão social, tendo em mãos um referencial norteador das ações. As diversas áreas do conhecimento contempladas e trabalhadas nesta proposta, visam conduzir à criança a processos construtivos de ampliação do próprio conhecimento por meio de intervenção sistemática do educador e da vivência com os colegas.

O reconhecimento da importância



da Educação Infantil na formação da criança foi reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, que a definiu como a primeira etapa da Educação Básica, como consta no artigo 29 “tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Portanto, cabe à instituição de Educação Infantil, incorporar de maneira integrada as funções de educar e cuidar, garantindo ao educando, não apenas o direito de brincar e receber cuidados, mas também, o desenvolvimento de suas capacidades e ampliação dos conhecimentos.

As crianças de hoje precisam desenvolver desde cedo a capacidade de pensar e agir de modo crítico e consciente. Precisamos de cidadãos versáteis, criativos e inteligentes. Nesse novo tempo, não basta apenas infor-

mar a criança, dar conteúdos, é preciso oferecer-lhes ferramentas para que mobilizem seus próprios conhecimentos, pensando a partir de seus próprios meios (ZABALA).

Sabemos que uma instituição de Educação Infantil deve constituir-se em um espaço que favoreça as diversas formas de interação entre as pessoas, entendida como um processo que ultrapassa os muros da escola. Nessa dinâmica, todos os envolvidos no processo educacional interagem trocando idéias e socializando novos saberes.

As crianças se desenvolvem plenamente ao viverem determinadas situações problema que as levem a mobilizar todas as suas capacidades e potencialidades para resolvê-las. Portanto, a aprendizagem significativa deve permear o cotidiano das instituições de Educação Infantil, possibilitando as crianças serem sujeito de sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, co-autoras do seu conhecimento.

Nessa perspectiva, a idéia de se trabalhar com o tema *Educação no Trânsito* surgiu em uma Roda de Conversa – também conhecida como Hora da Novidade. Nesse momento da rotina, no qual as crianças contam suas novidades e experiências, em uma segunda-feira, Vanessa, uma das crianças da turma, contou os detalhes de um acidente automobilístico presenciado por ela, no final de semana, no qual estava envolvido um colega



Passeata pela Educação no Trânsito



da escola. As demais crianças da turma, se mostraram bastante curiosas e sensibilizadas pelo ocorrido. Surgiram naquele momento diversos questionamentos: Por que ocorrem tantos acidentes em nossa cidade? Por que os motoristas não respeitam os pedestres? O que poderíamos fazer para prevenir tais acidentes?

Desta forma, tomamos a iniciativa de trabalhar a temática *Educação no Trânsito*, pois vimos, na abordagem do tema, grande oportunidade de envolver as crianças, professores e comunidade, pensando na construção de um conhecimento que tenha como principal resultado uma mudança de atitude contribuindo, assim, para melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Para nos ajudar a elucidar tantas dúvidas, buscamos junto ao CIRETRAN, órgão que nos assessorou neste trabalho, informações sobre o porquê do trânsito da cidade de Cruzeiro do Sul ter se tornado um problema gravíssimo. Conforme estudos já realizados, muitos são os fatores que contribuem para agravar esse problema no município, entre eles o relevo da cidade, a falta de sinalização, motoristas alcoolizados, adolescentes não habilitados ao volante, etc.

Para trabalhar essa temática, fundamentando o trabalho docente, utilizamos o Código de Trânsito Brasileiro.

Esse documento estabelece em seu artigo 74 que: *A educação para o Trânsito é um direito de todos ...* e em seu artigo 76 que determina:

*A educação para o Trânsito será promovida na pré-escola e na escola de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do*

*Sistema Nacional de Trânsito e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação.*

Utilizamos, também, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (1998), que sugere o trabalho com os temas transversais, permeando as diversas áreas do conhecimento escolar e desenvolvidos de acordo com a realidade e necessidade de cada turma.

Desta forma, após detectar a questão problema e decidida a metodologia a ser utilizada, partimos para a primeira etapa do projeto: a sondagem dos conhecimentos prévios das crianças acerca do tema, verificando o que elas sabiam e o que não sabiam sobre o assunto.

Durante o projeto abordamos vários eixos temáticos, tais como: linguagem oral e escrita, matemática, natureza e sociedade, música e movimento e artes.

Foram muitas as atividades de criação de textos, músicas, poesias, entrevistas, murais com notícias, confecção

***Uma instituição de Educação Infantil deve constituir-se em um espaço que favoreça as diversas formas de interação entre as pessoas, entendida como um processo que ultrapassa os muros da escola***



de livros, caça-palavras, cruzadinha e reportagens. Exploramos o trajeto que a criança faz de casa para a escola, excursionamos para observar o relevo e o trânsito da cidade, observamos a sinalização das estradas, construímos maquetes do bairro, assistimos palestras com guarda de trânsito e profissionais do CIRETRAN, visitamos uma auto-escola, borracharias, vimos também o reaproveitamento de materiais de sucata e finalmente realizamos uma passeata pela paz no trânsito.

Com este projeto pretendíamos alcançar os seguintes objetivos educacionais:

- Desenvolver na instituição de Educação Infantil um trabalho sistemático de prevenção à acidentes de trânsito, envolvendo não só educando e educador mas toda a comunidade local;
- Oportunizar às crianças vivências significativas, para que se tornem defensoras de um trânsito seguro;

- Desenvolver o tema de forma interdisciplinar, proporcionando o desenvolvimento das diversas capacidades das crianças: cognitiva, afetiva, social, motora e emocional;

- Possibilitar, a todos os envolvidos no projeto, a aquisição de novos conhecimentos compatíveis com a prevenção de acidentes no trânsito.

As ações desenvolvidas tomaram proporções maiores e envolveram a comunidade escolar e extra-escolar. Nossas ações contaram com o apoio de policiais de trânsito, radialistas, instrutores de auto-escola, repórteres e funcionários do CIRETRAN.

Além disso trabalhamos em conformidade com o Projeto Político Pedagógico da instituição e a LDB, que diz que: *Na Educação Infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o aces-*



so ao *Ensino Fundamental* (LDB, Lei nº 9394/96, art. 31).

Desta forma a avaliação do Projeto aconteceu de forma global, ampla e múltipla, tendo como objetivo, verificar o desenvolvimento dos alunos e o nível de aproveitamento das atividades, possibilitando um replanejamento da ação docente. As estratégias de avaliação foram muito produtivas, pois além de garantir que as crianças pensassem sobre si mesmas, suas aprendizagens, condutas e atitudes, através da auto-avaliação, possibilitaram a participação dos pais na instituição.

A avaliação se deu através de observações contínuas e relatórios escritos, verificando as competências e habilidades dos alunos. Durante os encontros para planejamento discutíamos acerca das reflexões feitas pelas próprias crianças e por mim, como professora.

Quanto a avaliação que faço do Projeto, aqui descrito, acredito que o mesmo foi de grande relevância, pois as atividades possibilitaram grandes avanços na aprendizagem das crianças. Percebe-se que a importância do mesmo foi do ponto de vista comunitário e social, visto que tudo que as crianças construíram era relativo a sua vida junto aos seus familiares e sua comunidade.

Ao avaliarmos o projeto coletivamente, decidimos que, este tema, mesmo após a culminância do Projeto, teria sua continuidade, através de ações que por ventura estejam sendo desenvolvidas por outros órgãos parceiros da escola, como é o caso do CIRETRAN.

Pretendemos em outra oportunidade, desenvolver, juntamente com outras instituições próximas, esse projeto, desta forma, os resultados serão mais amplos.

## Referências bibliográficas

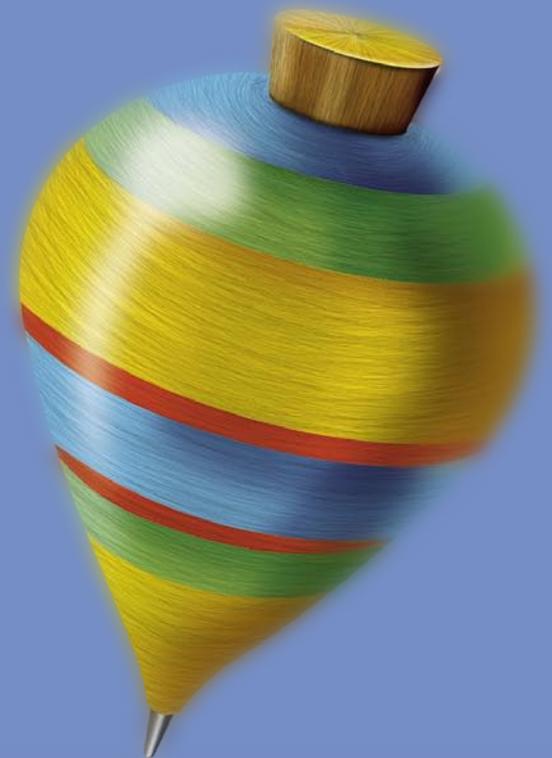
ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa: Como Ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.



# 3

## O lúdico e a educação ambiental

- . Prática leitora através do brinquedo
- . Para que a vida nos dê flor e frutos
- . Descobrimo-nos e movimentando-nos
- . Horticultura e meio-ambiente vivendo e aprendendo
- . Desembalando o lixo do bairro Jardim Carapina



### Dados de Identificação

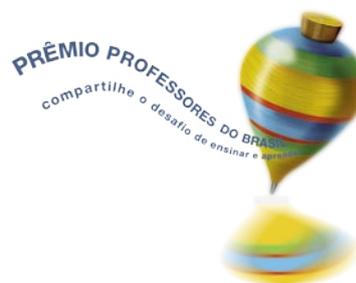
**Título:** Prática leitora através do brinquedo

**Professora:** Claudia Beatriz Souza de Jesus

**Co-autores do projeto:** Patrícia Albuquerque Lemos, Fernanda Claudia Santos de Oliveira  
Escola Municipal de Nova Esperança Professor Arx Tourinho

**Município / UF:** Salvador/BA

**Faixa etária atendida pela experiência:** 5 anos



## Prática leitora através do brinquedo: 1, 2, 3.

“Lereuei” do pião ao **“bey blade”**

A Escola Municipal de Nova Esperança Professor Arx Tourinho está situada no Bairro de Nova Esperança, funcionando em dois prédios, que pertencem a associação do Bairro.

A Escola possuía nove salas, na época da realização do projeto, contudo esse espaço físico é considerado inadequado para a quantidade de crianças que atende. Desprovida de área de recreação possui ainda uma saleta usada como secretaria, uma cozinha e três banheiros.

A comunidade, na qual a instituição está inserida, é formada por trabalhadores do mercado informal - feirantes, camelôs e carregadores que trabalham na CEASA. Os pais das crianças, atendidas na escola, em sua grande maioria, possuem pouca escolaridade.

Tendo como pressuposto que o brin-

car deve ser considerado como atividade privilegiada na Educação Infantil, possibilitando a criança interagir com o mundo, e após constatar o grande interesse das crianças pelo brinquedo *bey blade* foi desenvolvido o projeto *Prática leitora através do brinquedo: 1, 2, 3 “lereuei” do pião ao “bey blade”*.

Observamos que as crianças utilizam o brinquedo independente de sua condição econômica. Se não podem comprar, reinventam, criam o brinquedo, dando-lhe outras características mas sempre com o mesmo objetivo: brincar.

Partindo dessa iniciativa das crianças, de construir o seu próprio brinquedo, o projeto foi desenvolvido.

Acreditamos que a prática pedagógica, centrada no lúdico, estimula as crianças a perceberem-se como construtoras do próprio conhecimento.



Desvinculada de uma aprendizagem centrada na transmissão de conteúdos, a turma realiza sua própria leitura de mundo através do tempo e espaço contidos no ato de construir e modificar símbolos importantes no desenvolvimento.

O ato de brincar integra seus interlocutores desperta a curiosidade, proporciona aprendizagens sobre a realidade, sendo o brincar “uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia” ( RCNEI, VOL.2 ).

Brincando a criança estabelece relações com o mundo dando significado as coisas que lhe são pertinentes dentro do seu cotidiano. A forma de identificar e dar sentido as coisas pelas crianças, institui a “valorização do agir como elemento central para se compreender algo” (GROSSI).

Sabemos que os meninos e meninas possuem uma imensa alegria, vontade de viver e conhecer e essas virtudes estimulam o crescimento intelectual do ser humano, as crianças possuem uma percepção mais sensível sobre as coisas que lhes são postas para serem descobertas.

Nesse sentido, tendo o lúdico como foco, procuramos desenvolver atividades que proporcionassem às crianças:

- Expressar seus desejos, necessidades, idéias, opiniões e sentimentos;

- Nomear fatos em seqüência temporal e causal;

- Ler diferentes tipos de textos, ainda que não seja de forma convencional;

- Participar de atividades socializadoras;

- Apresentar atitudes de solidariedade e cooperação;

- Manusear e participar de atividades que envolvem a confecção de objetos;

- Reconhecer o objeto produzido em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais;

- Aperfeiçoar as habilidades manuais através da manipulação de materiais e objetos;

- Respeitar e cuidar dos objetos produzidos individualmente e em grupo.

Para alcançar tais objetivos foram propostas atividades criativas e desafiadoras respeitando o estágio de desenvolvimento cognitivo de cada criança. Foram desenvolvidas várias atividades em grupo, por favorecerem a troca e interação entre os pequenos. A turma se mostrava muito receptiva e participava nas atividades e descobertas com muito interesse e alegria.

Iniciando o projeto realizamos uma brincadeira que consistia em as crianças descobrirem o que continha em uma caixa, pelo som e peso do objeto dentro dela. O objeto em questão era um *bey blade*. Após sua descoberta iniciamos uma conversa, na qual as

*Acreditamos que a prática pedagógica, centrada no lúdico, estimula as crianças a perceberem-se como construtoras do próprio conhecimento*



crianças relataram o que sabiam sobre o brinquedo em questão.

Em seguida, realizamos uma pesquisa e coleta de dados sobre o brinquedo. Através dessa pesquisa descobrimos o significado da palavra e a origem do *bey blade*.

Após esse estudo construímos uma linha do tempo e foi durante essa atividade que as crianças constataram a evolução do brinquedo.

Entre as músicas que cantamos estava a cantiga “O pião entrou na roda”. A música aumentou ainda mais a curiosidade das crianças e então conhecemos o pião de madeira. Lendo e pesquisando histórias descobrimos que o pião foi trazido para o Brasil pelos portugueses no século XV.

A introdução de pequenos textos como adivinha, poema, quadrinha e música promoveu situações nas quais as crianças entraram em contato com textos escritos, e puderam realizar a pseudo-leitura, identificando palavras e testando suas hipóteses de escrita, a professora assumia o papel de escriba do grupo.

As crianças se organizaram e planejaram Campeonatos de Pião, elas estabeleceram regras e critérios para a realização das jogadas. Essa atividade proporcionou o exercício do diálogo e a negociação. Ressalta-se a construção da fala e escrita, durante essa atividade, respeitando as diferenças e fortalecendo a participação cidadã.

O Projeto Prática leitora através do brinquedo : 1, 2, 3, “ lereuei” do pião ao “ bey blade” possibilitou o trabalho com várias linguagens de



Exposição dos “bey blade”  
confeccionados pelas crianças

forma interdisciplinar.

Ele foi desenvolvido em apenas uma turma da instituição, mas outras turmas visitaram a exposição de brinquedos que confeccionamos. Realizamos uma oficina de brinquedos da qual os pais e a comunidade participaram ativamente.

A observação e a mediação durante todas as atividades e o registro reflexivo sobre o que ocorreu durante todo o processo possibilitaram uma avaliação permanente do trabalho. Os avanços e as aprendizagens, tanto das crianças quanto das professoras, ocorreram durante todo o processo num movimento de ação – reflexão – ação, buscando novas formas de criar e desenvolver as atividades de maneira lúdica e prazerosa.

Acredito que é necessário que o professor mude seu olhar com relação as crianças e as perceba como sujeitos produtores de conhecimento e com uma identidade própria que precisa ser respeitada e prestigiada pela escola.

Senti que o trabalho com Projeto Pedagógico além de ser uma necessidade é uma atitude política que deve ser abraçada pela escola como um todo,





Jogando com o pião de madeira

saindo-se assim da individualidade e assumindo a coletividade no fazer cotidiano.

Acredito que é possível desenvolver uma prática inovadora e criativa com poucos recursos, mas com um olhar sensível a tudo aquilo que a criança traz para a escola.

O processo de aprendizagem da turma aconteceu de forma gradativa respeitando o tempo de cada um.

Vale ressaltar que além dos objetivos pretendidos no início do projeto obtivemos outros resultados positivos como :

- Aumento na frequência escolar;

- Diminuição da violência durante as aulas e o recreio;

- Socialização e integração de todas as crianças no grupo;

- Auto-estima elevada;

- O respeito as diferenças.

O que pretendemos agora é que outros professores sintam-se motivados a descobrir, nos gestos e atitudes das crianças, algo que lhes proporcione emoção e entusiasmo tornando professor e crianças co-responsáveis no processo de ensino-aprendizagem e fazendo-o, dessa forma, mais significativo.



**Dados de identificação:****Título:** Para que a vida nos dê flor e frutos**Professora Autora:** Evanir de Oliveira Pinheiro**Professoras Co-autoras:** Marta dos Santos Freire

Maria de Lourdes Amorim de Macedo

Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Emília Ramos**Município/UF:** Natal/RN**Faixa etária atendida pela experiência:** 8 a 11 anos

## Para que a vida nos dê flor e frutos

A Escola Municipal Emília Ramos faz parte do perímetro urbano de Natal e está localizada na região oeste da capital. Localiza-se em Cidade Nova, um dos bairros da periferia dessa região, cercado por dunas e pouca vegetação, cujos índices de pobreza e violência são ainda muito altos, sendo nítida a desigualdade social e a baixa qualidade de vida da maior parte da comunidade.

O lugar é composto por ruas sem saneamento, dunas e vegetação bastante devastadas pela invasão crescente de favelas. Além das inúmeras deficiências de moradia, muitos moradores sobrevivem da catação de lixo que se localiza no próprio bairro.

Em geral, as crianças não conhecem a cidade de Natal e quando o assunto é sobre o meio ambiente, a maioria se mostra indiferente sobre a necessidade de preservação e cuidado com o lugar. Algumas compartilharam que seus

pais trabalham na reciclagem do lixo da cidade.

Em relação à arte e à cultura, nenhum deles afirmou conhecer algum artista plástico local, nacional ou estrangeiro e afirmam que não sabem exatamente o que tem em museus ou galerias. Alguns disseram que já ouviram falar sobre esses assuntos pela televisão, mas não se lembram do que tratam realmente.

Como diz a canção do nosso grande cantor e poeta Milton Nascimento: “O coração de estudante, há que se cuidar da vida, há que se cuidar do mundo”. Foi pensando na necessidade de cuidar dos bens naturais e culturais, especialmente de nossa comunidade, que decidimos criar situações de aprendizagens para informar, de modo crítico e reflexivo, o olhar de nossos alunos perante a natureza ao seu redor que clama por cuidados e atenção, pela presença da memória de nossos artistas e das ma-





Desenhando no chão as árvores do canteiro

nifestações folclóricas, tão esquecidas e desprezadas atualmente com a grande demanda da mídia desenfreada.

Como sabemos, é impossível separar meio ambiente do seu contexto histórico e social, pois todo lugar carrega suas marcas culturais e econômicas ao longo do espaço/tempo.

Mas, como tudo começou? Poderíamos dizer que a idéia foi surgindo por diferentes situações vividas dentro e fora da sala de aula por nós e pelas crianças: os comentários de suas brincadeiras preferidas nas dunas, cuja diversão ainda é prazerosa e gratuita; as queixas do crescente calor que vem predominando na cidade com a devastação das árvores; o mau cheiro provocado pelos restos de alimentos e animais jogados nas dunas;

o desconhecimento dos alunos quanto à estrutura física e social do seu lugar e, principalmente, as práticas artísticas importantes de sua comunidade.

Para ampliarmos nossas metas, inspiramos-nos, inicialmente, em Paulo Freire (2001) e Marilena Chauí (2001), pois exaltam a necessidade de construir uma prática pedagógica comprometida com o social e a autonomia dos educandos.

Em todo o planejamento, repensamos nossas práticas pedagógicas frente aos conceitos de espaço, cidadania, cultura e meio ambiente e reconhecemos que, geralmente, no currículo escolar, estes ficavam restritos a conteúdos do livro didático e distantes do contexto sócio-cultural dos alunos. A esse respeito, Vygotsky (2003 a 2003b),



destaca a importância da formação de conceitos pela criança no início de sua escolaridade e nos mostra que o papel do professor e da escola é possibilitar que ela avance partindo dos seus saberes espontâneos para saberes mais elaborados, por meio de ações educativas que impliquem uma mediação problematizadora e dialética.

Em Assmam (2004) e Snyder (1988/1993), compreendemos o quanto há necessidade da alegria na escola, a partir da participação da ludicidade e da expressão corporal nas atividades educativas e que, portanto, as linguagens artísticas, tais como a música, as brincadeiras, a pintura e o teatro são grandes fontes para ampliar e desenvolver os novos saberes.

Após um passeio pela comunidade, conversamos com as crianças no alto das dunas e, de lá, observamos todo o bairro. Algumas comentaram sobre a sujeira crescente nos morros e que não gostavam mais de morar ali, pois tinham pouco espaço para se divertir, muita poluição e desmatamento da vegetação. Também comentaram que presenciaram diversas vezes caminhões carregarem areia das encostas, onde várias raízes estavam submersas.

A partir desses passeios, as crianças foram apreendendo alguns pontos de localização e, mais tarde, na sala de aula, foram descobrindo os outros bairros que estavam ao sul, ao norte, a leste e a oeste de Cidade Nova. Daí, diversos questionamentos foram levantados, o que resultou numa pesquisa com os pais sobre a história de como começou o bairro, como era o lugar

quando eles eram crianças, que brincadeiras faziam, o que eles achavam de morar ali, quais as dificuldades e quais vantagens que têm na comunidade.

Foram surgindo opiniões favoráveis e desfavoráveis sobre o bairro que suscitaram textos produzidos pelos alunos nos quais destacaram como era viver no bairro no passado e no presente. Assim, decidimos que a construção de maquetes móveis do bairro era essencial para que apreendessem as noções espaciais, de forma mais contextualizada. A maquete que se constituía de peças de embalagens de tamanhos diversos, palitos, papéis e vidros arredondados, possibilitava que cada criança representasse determinados pontos e elementos naturais e culturais contidos, atualmente, na comunidade, levando em consideração tamanhos, formas e a posição onde o bairro localizava-se no espaço delimitado.

A turma A fez, em pequenos grupos, desenhos de como está o bairro e como gostariam que ele fosse. Usaram diferentes materiais tais como papel, madeira, lápis e giz. Em seguida, cada painel foi exposto e explicado por cada grupo que o produziu. A turma A produziu um mural com os temas: Paisagem natural e paisagem modificada.

Esses trabalhos contribuíram para que os alunos observassem as causas das ações dos homens sobre o meio ambiente. Essas discussões levaram a turma a estudar a escassez das árvores, a partir de uma série de situações: assistindo à palestra da médica, Doutora Inácia, sobre seu projeto de arborização no bairro e as dificuldades que ela



enfrentava para dar continuidade ao mesmo; comunicando, em casa, sobre o projeto da médica e plantando algumas plantas que ela forneceria, caso a procurassem.

Esse contato direto com as árvores e plantas provocou nessa turma um olhar além das propriedades físicas nas plantas, pois suscitou que cada criança escolhesse, no canteiro central do bairro, uma árvore preferida, para analisá-la, anotasse detalhes e a desenhasse no chão. Em seguida, as crianças desenharam sua árvore sobre o papel. Percebemos novas linhas e formas do tema árvore que até antes da observação nos canteiros eram muito estereotipadas.

Nas artes visuais, essa turma também destacou as diferenças e semelhanças nas linhas, formas e cores das árvores estudadas em relação à arte abstrata de Mondrian. Essa pesquisa abriu espaço para releituras de uma das árvores desse artista e cada aluno produziu em cera sobre papel suas produções.

Prosseguiram estudando as linhas e formas através da construção de uma grande árvore feita coletivamente com cordões, formando uma teia com linhas e formas semelhantes nas árvores de Mondrian. Quando a árvore ficou pronta, contextualizaram a produção, nomeando-a: Árvore colorida. Construíram um texto sobre a mesma a par-

tir de três eixos: onde, quem e como, da metodologia de Viola Spolin (1992).

A turma B enfatizou o estudo do solo, coletando amostras das areias dos morros, dos quintais das casas e do comércio de material de construção da comunidade. Essa turma percebeu que havia diferentes espécies de solos, uns mais arenosos e outros mais úmidos e foram classificando-os em embalagens plásticas vazadas, por onde passaria a água despejada durante o teste de permeabilidade. Esse material serviu para o estudo sobre os lençóis de água submersos nas dunas da região oeste e na preocupação de que as fezes, ao atingirem o lençol de água, contaminariam as reservas de água potável. Esses dados se destacaram nos textos produzidos pelas crianças, nos quais expressavam preocupações com a importância da preservação das dunas.

Essa mesma turma desenvolveu uma atividade especial de artes plásticas utilizando areia e corantes naturais em potes de vidros trazidos de casa, como réplicas de um dos elementos do artesanato potiguar conhecido como garrafas de areia colorida. Nessa atividade, aprenderam como misturar areias para obtenção de tonalidades cromáticas diferentes, utilizando areia branca da praia com corantes em pó.

A turma C tinha como interesse

*O papel do professor e da escola é possibilitar que ela avance partindo dos seus saberes espontâneos para saberes mais elaborados*





maior produzir um texto e uma peça teatral para expressar o que havia aprendido em relação às dunas do bairro. A idéia era um pequeno musical com o tema: O clamor de uma Duna. A construção do texto surgiu a partir das discussões sobre o desgaste do morro e sobre os efeitos da erosão, além de desenhos que as crianças haviam produzido sobre a música: Tudo é vida. Também registraram graficamente o que apreenderam e, com muito empenho, apresentaram o musical na “Feira Cultural” da escola.

Um outro ponto gratificante desse estudo das crianças sobre as dunas é que propiciou a oportunidade de conhecerem um artista local muito importante: Vatenor Silva, muito conhecido como o pintor dos cajus. As crianças logo se empolgaram para produzir um painel a partir dos quadros do artista, no qual ele pinta cajus sobre as dunas.

A turma D descobriu por meio de entrevistas nos bairros que foram trazidas para a comunidade outras práticas culturais como o caso de Djalma Paixão da Silva, nascido na cidade do Natal e que sobrevive da sua arte desde os anos 80. O artista que retratara as danças potiguares interessou-se em divulgar seus trabalhos para as crianças que, até aquele momento, não o conheciam.

A turma E conheceu o projeto de resgate do “Boi Calemba” do Mestre Manoel Marinheiro que está sendo desenvolvido por uma Organização Não Governamental. Dona Odaíza, viúva do Mestre, nos presenteou com um CD produzido por ele, o qual serviu para as crianças apreciarem com mais atenção, a letra das músicas e aprendessem mais sobre a dança de “Boi de Reis”. A turma também produziu com argila várias peças representando esse folgado.



Como culminância do projeto, realizamos com as cinco turmas uma visita ao Palácio da Cultura, aos monumentos e locais históricos da cidade. As crianças ficaram encantadas com a rica arquitetura neoclássica do prédio do Palácio da Cultura que antes era a Governadoria da Capital e hoje é o Museu de Belas Artes. Ao entrarmos nos suntuosos salões do palácio, os alunos puderam apreciar diversas obras de arte de autores potiguares e nacionais. Entre estas, os quadros de Nilton Navarro, artista potiguar modernista e de Tarcila do Amaral, bem como os retratos de Navarro sobre a história da fundação de Natal, foram os que mais chamaram atenção das crianças. Por meio das imagens, as crianças puderam recordar o que vinham estudando sobre a história da cidade e, após comentarmos sobre o significado das telas, elas selecionaram um dos quadros para ali mesmo desenharem. Foi uma experiência muito especial para todos!

Em todo o percurso, fomos avaliando e refazendo as ações e intenções do trabalho, no sentido de propiciar aos alunos que apreendessem, de forma consciente, algumas das relações físicas e sócio culturais que constituem seu lugar, estabelecendo com as crianças comparações entre as carências e riquezas ali existentes, direcionando-as no sentido de que refletissem sobre suas observações, como co-participantes e integrantes daquele contexto. A intenção maior era promover o sentimento de pertencimento, de atenção e apreço à comunidade à cidade, incluindo, também, as relações com as

demais regiões, o País e outros lugares. Pois, como defende Morrin (1997), hoje, devemos conceber o ser humano não como um mero cidadão, mas como ser planetário.

Quando exploramos o cotidiano, o contexto sociocultural e o tempo, estamos tecendo relações com outros lugares, em tempos e espaços múltiplos. Ou seja, uma educação para a cidadania hoje não é mais o suficiente. São necessárias situações de ensino-aprendizagem que contemplem relacionar as diversidades de elementos que se fundem sobre um mesmo objeto, em diferentes instâncias espaciais e temporais.

O ponto mais importante desses novos saberes foi o conceito de cuidar que tivemos a oportunidade de exercitar e desenvolver. Como diz a canção, “Quando a gente ama, é claro que a gente cuida...” é impossível gostar do desconhecido, daquilo ou de quem não construímos laços afetivos e, sendo assim, como esperar que nossos alunos sentissem interesse, carinho e preocupação por seu lugar sem direcioná-los a perceber seu entorno de forma sistemática e criativa? Como seria possível esperar que se envolvessem nas atividades, sem levarmos em consideração suas aspirações e desejos em relação ao seu contexto?

Tendo em vista que o mundo sociocultural é o mediador da aprendizagem contínua do ser humano, permitindo que ele construa conhecimentos cada vez mais elaborados que não são processados de forma direta por ele, mas por meio de um processo de construção interna compartilhada com os outros, é preciso



ir além dos conteúdos pré-estabelecidos nos manuais ou livros didáticos.

É evidente então, a construção de um currículo que atenda ao perfil do aluno naquele determinado contexto e o considere como um ser sócio histórico, constituído socialmente.

Evitar práticas pedagógicas que, embora muito bem elaboradas metodolo-

gicamente, não atendem as especificidades dos alunos daquele dado contexto é, hoje, um ponto básico na organização da intervenção do professor. Pois, a formação conceitual das crianças nessa fase de escolaridade é o que dará, ao longo do seu desenvolvimento, as bases para a construção de sua consciência e autonomia no mundo circundante.

## Referências bibliográficas

ASSMAN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. 8ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Metáforas para reencantar a educação. Epistemologia e didática. 2ª ed. Piracicaba, Editora UNIMEP, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Filosofia. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 20ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

MORRIN, Edgar. Cultura de massa no século XX: Neurose. 9ª ed. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro, Forence Universitário, 1997.

SNYDERS, Georges. Alegria na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. Alunos Felizes: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VYGOTSKY, Lev. Semevovich. Psicologia Pedagógica. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. A formação social da mente. 6ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003b.



### Dados de Identificação

**Título:** Descobrimdo-se e movimentando-se

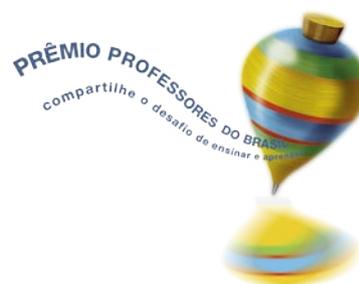
**Professora:** Maria de Jesus Gomes de Almeida

**Co-Autora:** Aparecida de Fátima do Nascimento  
Naves

**Escola Municipal Nilza Aires Pires**

**Município/UF:** Catalão/GO

**Faixa etária atendida pela experiência:** 3 a 6 anos



## Descobrimdo-se e movimentando-se

A Escola Municipal “Nilza Aires Pires” fica localizada nos arrabaldes da cidade de Catalão, no Estado de Goiás. A escola é pequena, possui quatro salas de aula, restrita área livre para brincadeiras e parque infantil. O corpo docente é formado por oito professoras, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, uma diretora, uma cozinheira e duas auxiliares de limpeza.

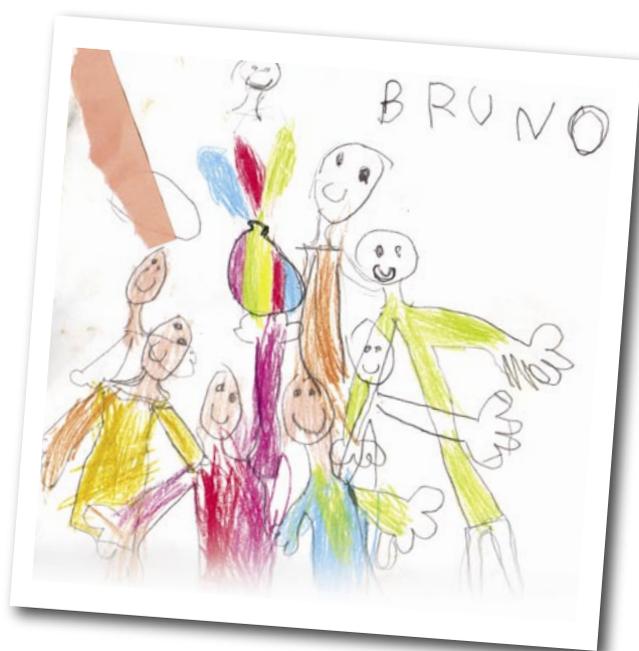
O corpo discente conta com 180 crianças, divididas em dois turnos, matutino e vespertino. A escola contempla a Educação Infantil com duração de dois anos (Jardim I e II) e o Ciclo de Alfabetização que tem duração de três anos.

Durante a infância, cair e machucar-se são acontecimentos bastante comuns. O ato da descoberta do corpo e de suas possibilidades, é feito pelas crianças na medida em que crescem e se desenvolvem, desta forma, movimentar-se é imprescindível para que a criança possa descobrir seu corpo.

Ao observarmos o quanto as crian-

ças de nossa escola se machucavam durante as recreações, pensamos em criar atividades que proporcionassem às crianças condições para tais descobertas. Foi dessa maneira que surgiu o projeto Descobrimdo-se e Movimentando-se.

O projeto foi desenvolvido dentro da perspectiva interdisciplinar e o embasamento teórico foi auxílio primordial



para que o mesmo fosse estruturado e desenvolvido. Buscamos referência em alguns autores como Henri Wallon, (1879 – 1962). Segundo ele, *um elemento de base indispensável à criança para a formação da sua personalidade é a representação mais ou menos global, mais ou menos específica e diferenciada que tem do seu próprio corpo.* (1975). Movimentar-se é uma das ações humanas mais primitivas. Conhecendo nosso corpo podemos caminhar para o auto conhecimento e daí para o mundo ao nosso redor.

Assim é com as crianças, o descobrimento do seu corpo, parte por parte, é o caminho para que se conheçam em sua totalidade, no seu corpo pleno.

O teórico suíço, Jean Piaget (1896 –1980), nos fala em Vadsworth apud Piaget (1971), que as experiências perceptomotoras facilitarão no desenvolvimento cognitivo e físico da criança. Seus testes, seus experimentos, as descobertas do corpo tangem a do universo que as cercam, bem como sua interação sócio-emocional, como cita Suarez (1992) *desenvolvimento psíquico que atua no sujeito através do movimento. Esse desenvolvimento se refere tanto a inteligência quanto à vida emocional.*

Comprovamos que práticas educativas rígidas, baseadas no silêncio e na disciplina não são pertinentes nem para o aprendizado e nem para o desenvolvimento sócio-emocional das crianças. Concluímos, dessa forma, que autoridade aliada à sensibilidade são ingredientes essenciais para uma boa formação escolar.

O Movimento e a Descoberta do próprio corpo são os temas para o de-

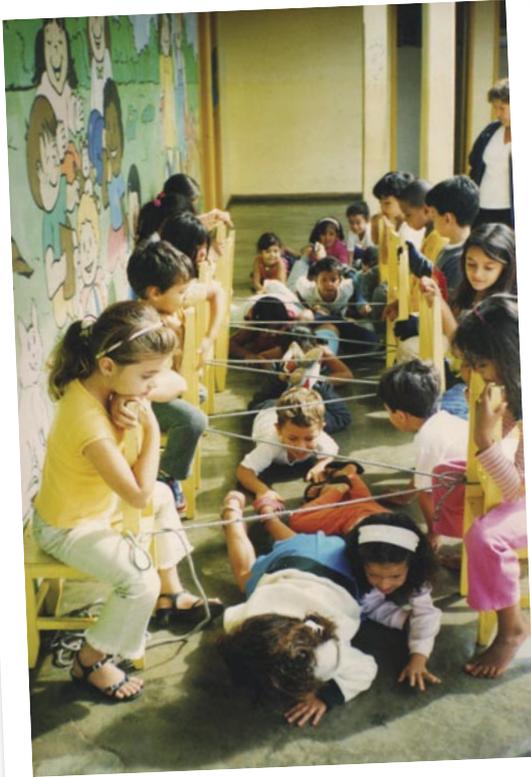


Pulando dentro dos pneus

envolvimento do projeto. Primeiramente pensamos que a causa de tantos acidentes, entre as crianças, seria o terreno em forma de declive da escola. Porém, constatamos que mesmo as crianças que pouco se exercitavam eram também vítimas de quedas e machucados.

Desta forma, num primeiro momento, mostramos às crianças o pátio da escola e, logo depois, um campo de futebol. Elas observaram, exploraram o espaço e descobriram as diferenças entre os dois terrenos. Enquanto o primeiro terreno é em declive, o segundo é plano; a vegetação do pátio é escassa e a do campo de futebol é gramada e bem cuidada.





Rastejando no túnel de elástico

Com o conhecimento de espaço presente nas mentes das crianças, partimos para um segundo momento quando lemos para elas a história “O joelho Juvenal”, de Ziraldo. Esse livro foi escolhido para dialogar com as crianças sobre as partes que compõem nosso corpo. A partir da história, elas conheceram primeiro o joelho e quiseram, por si próprias, conhecer as outras partes do seu corpo.

Neste momento levamos um espelho para a sala de aula no qual as crianças puderam observar seu corpo e os de seus coleguinhas. Ao olharem-se no espelho, puderam se observar, brincar, descobrir-se, e comparar suas características físicas com as dos colegas. Em

pares ou grupos, gesticulavam alegremente em frente ao espelho.

Mais uma vez inspiramos nossa prática nas teorias de H. Wallon. Esse autor analisa a dificuldade da criança em se aproximar da semelhança de si própria como o resultado da heteronímia do espaço ótico e o espaço da presença corporal.

Além de entretenimentos que envolveram o potencial físico das crianças, buscamos levar a elas brincadeiras que abrangessem o potencial artístico. Através de um teatro, exploramos como é o esqueleto que sustenta seus corpos. Através de colagens, as crianças recortaram e montaram as partes do corpo, membros inferiores e superiores, tórax e cabeça, formando o esqueleto.

O trabalho também se expandiu para o conhecimento concreto de seus corpos por meio do tato, quando os pequenos apalpam seus corpos e sentiram como são seus ossos, articulações e movimentos.

Proporcionar às crianças novas aquisições, novos aprendizados, novas descobertas, tornou o andamento do projeto mais fácil e gratificante. Criamos brincadeiras e exercícios lúdicos com as crianças que exploravam seu corpo e movimentos e observamos o quanto nossos pequenos desenvolveram suas habilidades psicomotoras.

Consideramos que as atividades e o desenvolvimento das ações do projeto foi muito enriquecedor, tanto para as crianças quanto para nós professoras, que refletindo sobre a prática aperfeiçoamos o fazer pedagógico. A interação da comunidade com a escola



durante o desenvolvimento do projeto e o reconhecimento do espaço despertou o olhar da comunidade para a importância do brincar.

Ao longo do projeto, observamos o quanto as crianças são curiosas e capazes de criar, inventar, construir conhecimentos e interessar-se ainda mais.

As crianças obtiveram grandes progressos tanto no aspecto social quanto físico. Conheceram um pou-

co mais de si mesmas e do espaço que as cercam. Essas experiências e os resultados tão positivos são motes para que busquemos sempre levar algo que inove o fazer pedagógico.

Adescoberta pela criança do mundo que a cerca é algo prazeroso para ela e para quem participa dessa ação. Por isso, esperamos que nosso projeto seja semente a germinar por outros educadores.

*Proporcionar às crianças  
novas aquisições,  
novos aprendizados,  
novas descobertas,  
tornou o andamento  
do projeto mais fácil  
e gratificante*

## Referências bibliográficas

ALVES, R. Por uma educação romântica. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2002. p. 203.

BRASIL, MEC, COEDI. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 269.

ENGELS, F. O Papel do trabalho na transformação da maçã em homem. 2ª ed. São Paulo: Ed. Global, 1984. p. 27.

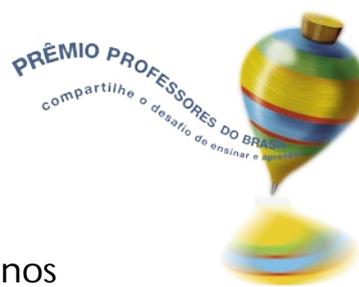
FERREIRO, E. Jean Piaget: o homem e sua obra. In: Atualidade de Jean Piaget. Porto Alegre, 2001. p. 101-128.

SAMPAIO, R. M. W. Freinet: evolução histórica e atualidades. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2002. p. 222.

SUAREZ, P. Psicomotricidade I, II e III. In: Investigacion Educacional Infantil. VHF, Espanha, 1992.

WALLON, H. Psicologia na educação infantil. São Paulo, 1983. p. 411.



**Dados de identificação:****Título:** Horticultura e o meio ambiente vivendo e aprendendo**Professora:** Eliana Francisca do Santo Garcia  
E.M.E.F. Antônio Fernandes de Almeida**Município/UF:** Linhares/ES**Faixa etária atendida pela experiência:** 9 a 12 anos

## Horticultura e o meio ambiente vivendo e aprendendo

**D**ada a natural necessidade de motivar os alunos que eram faltosos e “rebeldes”, nós, professores e equipe pedagógica, compartilhamos as idéias deste projeto, tendo a satisfação de contribuir para a elevação cultural e social da comunidade onde está inserida nossa escola, mostrando a importância de uma horta e a preservação do meio ambiente.

O objetivo é que os alunos se apropriem do conhecimento científico e desenvolvam autonomia no pensar e no agir, envolvendo-os na construção de uma compreensão dos fenômenos naturais e suas transformações, na formação de atitudes e valores humanos, visando à formação integral de indivíduos conscientes, críticos, livres e agentes da história, inseridos em seu grupo social e envolvidos com a comunidade.

A capacidade de regeneração da natureza é muito grande, mas ainda há muito o que fazer pelo meio ambiente. Para isso, é necessário raciocinar

em termos do planeta e não apenas de uma cidade, estado ou país. Se poucas nações se mobilizarem, os problemas não serão solucionados. É necessária a cooperação de todos os países do mundo. É muito importante que cada escola se conscientize de sua responsabilidade nesse processo.

Com suporte teórico e muita reflexão, temos construído nossos planos de curso, com mudanças significativas a cada ano. No ano de 2004, levantamos nossos objetivos, aproveitando algumas sugestões dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Trabalhar horticultura e o meio ambiente foi a forma que encontramos de alcançar nossos objetivos.

Preocupados com a tarefa de educar, refletindo sobre essas questões, não nos restringimos à oralidade: saímos do universo unicamente teórico e idealizamos este projeto, visando propiciar ao professor um instrumental útil para sua prática no mundo da ciência,





Colheita das hortaliças envolvendo culinária na sala de aula

capaz de formar alunos sensíveis, criativos, intuitivos, críticos, éticos, prontos a buscarem soluções para sua realidade, conhecedores de seus direitos e deveres, com espírito de investigação.

O espaço da escola é pequeno, mas não foi obstáculo para nós. A horta ocupa uma parte atrás da secretaria e o jardim um espaço ao lado da horta.

A comunidade sempre foi ausente e nunca pode contribuir com muita coisa, pois é uma população de renda bem baixa. Mas, quem podia, contribuía com carinho.

Alguns alunos vão para a escola sem comer, por isso a idéia de construir hortas nos quintais dos alunos carentes e conscientizá-los sobre a importância da mesma.

Os alunos eram faltosos, desmotivados e rebeldes. Com o projeto e outros

que estão sendo desenvolvidos pela escola, conseguimos combater a evasão.

A experiência colocou os alunos em contato com o mundo da horticultura, a natureza e os animais. Possibilitou a participação em ações e construções coletivas para a melhoria da comunidade, em um clima de trabalho cooperativo entre escola-família-comunidade. Ofereceu, ainda, oportunidades para a troca de experiências, para diálogos, para criações e reconstruções.

Permitiu ao aluno obter informações para a elaboração de suas idéias e atitudes, auxiliando-o na formação para a construção de uma vida melhor, colocando-o em contato com a natureza, possibilitando a participação em ações e construções coletivas em prol da comunidade, do respeito mútuo e da auto-estima.



Cada semana foi estruturada por meio da seleção de conteúdos considerados relevantes e apresentados de forma viva, integrada e interdisciplinar.

Nossa escola realizou um planejamento para executar o projeto. Depois, cada professor conversou com seus alunos, organizando atividades que contribuíssem para o desenvolvimento da aprendizagem e melhoria da comunidade.

Reunimos os pais para informar sobre o projeto, solicitando sua ajuda.

Fizemos um quadro de rotina para a manutenção da horta que foi construída na escola, com a ajuda da Prefeitura, envolvendo funcionários, alunos e professores.

Por ter alunos carentes na nossa sala e aproveitando a “Campanha Fome Zero” da Presidência da República, resolvemos ajudar as famílias a construir hortas nos quintais. Foram proferidas palestras para mostrar a importância da horta, as ervas medicinais e a preservação do meio ambiente.

A maior realização da nossa sala foi a horta comunitária que atendia aos alunos que moravam de aluguel e outros que não tinham espaço em seus quintais. Para realizar o desejo dos alunos da 4ª E, a diretora pediu uma parceria com a prefeitura de Linhares que nos deu terra para fazer os canteiros da horta comunitária; a avó das alunas Thayara e Thayne doou o lote; fazendeiros da cidade contribuíram com esterco e mudas.

Tivemos ainda a colaboração das agentes de saúde do bairro que participavam das palestras na escola e acompanhavam os alunos da 4ª E – que



eram agentes mirins – percorrendo a comunidade para conscientizá-los sobre a importância de fazer uma horta e pesquisando as doenças que mais afetavam a comunidade com o objetivo de conscientizar, também, os alunos sobre a importância de cuidarmos da saúde.

Além das agentes de saúde, tivemos a colaboração dos estudantes de Biologia da Faculdade UNILINHARES que auxiliaram os alunos dando palestras sobre as pragas que afetam as plantações e orientando sobre como acabar com as mesmas.

Para resolver um problema de briga dentro da sala, aproveitei o assunto sobre o lixo e fiz uma ginca envolvendo o assunto. Os alunos criticavam um colega por ter uma família que vivia de compra e venda de lixo. Todos passaram a juntar lixos que podiam ser reciclados, os quais eram levados para a escola e vendidos pelos mesmos na casa do colega que criticavam. Eles aprenderam a importância de reciclar e o preço de cada tipo de lixo que era jogado fora por eles.



Após este ato - que realizamos várias vezes - os alunos valorizaram esse tipo de trabalho, conscientizando-se sobre a importância de reciclar para o meio ambiente e para nossa sobrevivência. Pararam de implicar com o colega, juntavam lixos e davam para ele vender. Dentro da escola, “guardas-mirins” não deixavam os alunos jogarem lixo no chão na hora do recreio.

Após as visitas ao bairro, detectamos problemas que estavam prejudicando a comunidade e alunos da sala. Resolvemos escrever uma carta para um vereador, solicitando uma visita à casa da aluna, pois era uma das prejudicadas pelo problema.

Foram realizadas gincanas envolvendo as famílias, dentro e fora da sala, por meio de atividades desafiadoras com o objetivo de trazer os pais para a escola. Por exemplo, alguém da família foi convidado para ir até a horta junto com o aluno e descobrir quais os tipos de hortaliça e ervas medicinais existiam na horta escolar. Enquanto o adulto dizia o nome, o aluno escrevia em seu caderno. Posteriormente, todos foram para a sala de aula, onde tiveram a tarefa de ensinar o aluno a escrever uma receita alternativa.

Foi construído um jardim na escola incluindo árvores frutíferas, com doações de árvores pelos os funcionários e pela comunidade.

*Os alunos valorizaram esse tipo de trabalho, conscientizando-se sobre a importância de reciclar para o meio ambiente e para nossa sobrevivência*

A culminância teve a presença dos pais numa “Feira Verde”, onde os alunos recitaram poesias e cantaram paródias produzidas no decorrer do projeto. Estas foram gravadas em um CD que foi dado para cada família e funcionários. O livro de poesias foi doado para a biblioteca da escola.

Além das experiências extraclasse, cada professor executava seu planejamento na sala de aula envolvendo o tema horticultura e o meio ambiente, de acordo com as séries.

O trabalho pedagógico, a partir de um planejamento participativo, comunitário e político, envolvendo atividade conjunta entre escola, família e comunidade, transformou a escola em um ambiente de idéias inovadoras, estabelecendo, assim, um trabalho integrado, gerador de mudanças em todos os aspectos.

## INTERDISCIPLINARIDADE

### PORTUGUÊS:

- Momento de leitura, interpretação oral e escrita de textos envolvendo horticultura e o meio ambiente.
- Escrita de listas (frutas, legumes, verduras, animais, entre outras).
- Correção coletiva envolvendo ortografia, gramática e pontuação.
- Pesquisa no dicionário.
- Produção de textos, poesias e paródias.



- Escrita de cartas.

### MATEMÁTICA:

■ Elaboração de problemas (comprimentos, medidas, larguras, preços, quantidades, sistema monetário e receitas).

- Interpretação de tabelas elaboração de gráficos

### HISTÓRIA:

■ Interpretação oral e escrita da parte histórica das sementes.

■ Palestra envolvendo a origem das ervas medicinais.

■ Debate sobre valores humanos, mostrando a importância da solidariedade entre os colegas, fazendo uma comparação entre o passado e o presente.

### GEOGRAFIA:

■ Visita e observação das lindas paisagens existentes no bairro.

■ Debate através de rodas de conversas.

■ Localização do bairro no mapa da cidade.

■ Pintura.

■ Debates

### CIÊNCIAS:

■ Trabalhos em grupos envolvendo lixo, solo, água, horticultura e animais e atuação do ser humano no meio ambiente.

■ Apresentação dos alunos para os colegas de outra sala.

■ Vídeo envolvendo horticultura e o meio ambiente.

■ Palestras (ervas medicinais, como preparar uma horta e importância dos

alimentos).

■ Debates.

■ Pesquisa.

### ARTE:

■ Audição de músicas.

■ Apresentação de teatro cantado em salas de aula e na hora do recreio.

■ Desenho e pintura de alguns temas trabalhados.

### RELIGIÃO:

■ Leitura compartilhada na bíblia sobre a natureza.

■ Debate envolvendo a leitura.

As inúmeras atividades permitiram ampliar e aprofundar a competência leitora e escritora do grupo a partir do conhecimento que já possuíam, um aprendizado significativo no quais os alunos se tornaram ativos, participativos, criativos e se divertiram.

Este Projeto permitiu uma avaliação contínua e diagnóstica, pois resgatou o conhecimento dos alunos, os pré-requisitos que apresentaram, as atitudes, as particularidades e mais: identificamos deficiências que foram resolvidas. Despertou o interesse pela leitura e a escrita de forma prazerosa, tendo a família como aliada nesta conquista desafiadora, mas significativa.

A auto-avaliação foi importante, pois permitiu aos alunos observarem criticamente seu trabalho, refazendo-o e aperfeiçoando-o em cada detalhe.

Realizou-se também a avaliação recíproca, na qual o professor e alunos atuaram ativamente a partir de uma discussão sobre os objetivos que se



pretendiam alcançar e os resultados obtidos. Durante a discussão, ou depois dela, os alunos avaliaram-se mutuamente, observando os trabalhos uns dos outros.

O processo de avaliação foi motivador, um incentivo ao estudo para os faltosos e desinteressados.

O ensinar e o aprender não podem ser exercidos sem se levar em conta o contexto histórico-social no qual estão sendo realizados. Alguns objetivos educacionais propostos nos currículos apresentam-se confusos e desvinculados da realidade social dos alunos. A qualidade do ensino não é constituída somente na sala de aula. Nenhuma escola conseguirá ser competente se a prática docente na sala de aula não estiver ancorada numa base consistente de conhecimentos, na escolha e no manejo de métodos e processos adequados às peculiaridades dos alunos. Tudo isso favorecendo um clima prazeroso de aprendizagem, de troca de experiências, de ajuda mútua e de autorealização para alunos, professores e comunidade.

Os projetos são oportunidades excepcionais para nossas escolas porque possibilitam um arranjo diferente nas dinâmicas de aprendizagem. Propõem o contato com o mundo fora da sala de aula, fora dos muros da escola, na busca de problemas verdadeiros. Pressupõem a ação dos alunos na busca e seleção de informações e experiências. E como lidam com problemas concretos, do mundo real, provocam a reflexão sobre questões para as quais não há apenas certo ou errado. Motivam os

alunos e os professores a avançarem em seus conhecimentos, rompendo os limites do ensino tradicional. Alteram substancialmente o sentido da aula, substituindo aquele modelo em que o professor fala e o aluno ouve.

A vida e o viver transcendem. É necessário ver a ciência como um constructo humano que, para a construção do conhecimento válido, precisa olhar a natureza como um todo. Portanto, nada mais razoável do que a busca de uma visão de conjunto, capaz de integrar as diversas dimensões disciplinares. Todo modo de agir responsável procura essa integração interdisciplinar com a colaboração dos professores e dos alunos.

Toda criança é fascinada pelo conhecimento novo, tudo a encanta e nós, professores, temos essa energia em nossas mãos, na imaginação, nos domínios de nossas aventuras. E os alunos podem ser entusiasmados companheiros nessas viagens

Disse um grande educador norte-americano que as grandes invenções não foram obras do acaso, como muita gente imagina, mas o resultado de muito ESFORÇO, ESTUDO E PERSEVERANÇA. Sem esforço próprio, sem estudar e sem perseverança, ninguém atingirá a meta final.

O projeto no ano de 2006 continuará com a horta escolar, com a conscientização sobre o lixo e água poluída, pois é um problema que afeta nossa comunidade.

Se todas as instituições trabalhassem com o objetivo de possibilitar a participação em ações e construções coletivas para ajudarem comunidades, em um





Colheita das hortaliças envolvendo culinária na sala de aula

clima de trabalho cooperativo, promovendo uma interação saudável entre escola, família e comunidade, teríamos uma sociedade mais justa. Precisamos propor o contato com o mundo fora da sala de aula, fora dos muros da escola, na busca de problemas verdadeiros

que ajudem à comunidade.

A construção de hortas nas casas dos alunos carentes e a horta comunitária foi trabalho árduo, mas gratificante. Se todas as Prefeituras investissem neste projeto, envolvendo a comunidade, teríamos uma sociedade mais justa.



**Dados de identificação:****Título:** Desembalando o lixo do bairro**Jardim Carapina****Professora:** Luciane Rosário Sampaio Frizzera.**Escola de Ensino Fundamental "João Paulo II"****Município/UF:** Serra /ES**Faixa etária atendida pela experiência:** 10 a 15 anos

## Desembalando o lixo do bairro Jardim Carapina

A Escola de Ensino Fundamental "João Paulo II", onde desenvolvemos grande parte das atividades do projeto, fica localizada no bairro Jardim Carapina, situada na Avenida Jerônimo Monteiro s/nº, no município de Serra, no Espírito Santo. Encontra-se na zona urbana e atende, em média, a 1780 alunos, sendo que 730 no ensino fundamental – 3ª e 4ª séries – e 1050 no ensino fundamental – 5ª a 7ª séries.

São crianças de classe baixa, muitas das quais possuem somente como fonte de alimentação a merenda escolar e, como consequência, o nível de aprendizagem é altamente baixo, pois, sem condições financeiras, os alunos tendem a buscar o conhecimento unicamente através da escola, pois não o encontram em suas residências.

Cabe salientar que a presente proposta teve início em 2004, na Escola de Ensino Fundamental "Padre Gabriel", um espaço escolar não muito propício

para o processo ensino – aprendizagem, já que as paredes da escola apresentavam várias rachaduras e infiltrações, apresentando, também, salas de aulas bastante empoeiradas, pois a rua de acesso à escola não é asfaltada e exala odores bem desagradáveis provenientes do acúmulo de lixo e da imensa vala que corria a céu aberto, nas proximidades da escola.

Pelo fato de convivermos com péssimas condições de higiene, tais como esgoto a céu aberto e lixo, nas residências dos catadores proliferavam vários insetos e roedores causadores de doenças - tudo isso em frente e nas ruas adjacentes à escola. Enfim, vários fatores que prejudicavam o processo de ensino e aprendizagem contribuíram para a adoção de um programa de educação ambiental que salientasse a importância da reciclagem e da proteção ao meio ambiente.

O homem sendo um consumidor de bens em quantidades significativas,





*Oficina para confecção de papéis reciclados*

transformou “seu lixo” em um problema ambiental. Depositando em locais impróprios para seu acondicionamento ou jogando-o, simplesmente, em terrenos baldios, resolve seu problema individual, porém não se dá conta da contaminação pela proliferação de insetos e ratos transmissores de doenças.

Conforme o artigo 225, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (1998 p.22), a questão ambiental representa quase uma

síntese dos impasses que o atual modelo de civilização acarreta. O que se assiste, no final do século XX, não é só uma crise ambiental, mas uma crise civilizatória.

O enfrentamento dos problemas exigirá mudanças profundas na concepção de mundo, de natureza, de poder, de bem-estar, tendo por base novos valores individuais e sociais. Faz parte dessa nova visão de mundo a percepção de que o homem não é o centro da natureza. Para outros, ainda, o homem deveria se comportar não como dono do mundo, mas percebendo-se como parte integrante da natureza, respeitada e celebrada por di-

versas culturas tradicionais, antigas e contemporâneas.

Diante da necessidade de transformar a percepção do aluno sobre o meio em que vive, o objetivo do projeto foi salientar a necessidade da coleta seletiva e da reciclagem por serem alternativas viáveis que resultam em ganhos sociais, econômicos e ambientais.

Nos últimos anos, muitas cidades brasileiras, inclusive as do nosso estado, têm lançado um olhar mais atento à questão ambiental, utilizando-se das mais diversas estratégias que vão de parcerias com a iniciativa privada a investimentos de recursos próprios. O Poder Público tem investido em projetos cujos resultados mais visíveis e comuns a todos são a melhoria na qualidade ambiental das cidades e, principalmente, um significativo ga-



nho social, seja através da educação, formando uma cultura específica, seja pelo resgate da cidadania, proporcionando melhores condições de vida às populações que viviam à margem da economia e da sociedade. Outro aspecto importante é que os projetos de coleta seletiva estão ajudando a impulsionar a indústria da reciclagem, um setor econômico de grande potencial, porém ainda pouco explorado.

A citação de Lavoisier “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” foi o eixo norteador do nosso projeto. Realizamos o reaproveitamento dos diversos tipos de resíduos sólidos, tanto para a confecção de trabalhos científicos quanto artesanais.

Iniciamos o projeto conversando com os alunos para levantar o que eles já sabiam acerca das questões relacionadas ao lixo.

De posse das informações sobre os pré-requisitos que os alunos já apresentavam, passamos para a etapa

“Desembalando o problema do lixo”, a qual lhes possibilitou um conhecimento teórico acerca da problemática dos resíduos sólidos e em relação aos seguintes temas: “lixo: uma questão ambiental”; “lixo: o que é? O que fazer com ele?”; “lixo: problemas e soluções”; “lixo: tempo de decomposição”; “lixo: separar, reduzir, reaproveitar e reciclar”; “lixo: um bom negócio? Quem lucra?”; “lixo: minimização de resíduos sólidos”; “lixo: prós e contras da reciclagem”; “lixo: programas e experiências de sucesso no Brasil”.

O embasamento teórico foi realizado por meio de textos bem interativos e de uma linguagem de fácil compreensão com a qual os alunos tiveram que elaborar suas hipóteses acerca de diversas situações problema. Para resolvê-las, contaram com textos da revista “Ciência Hoje”, da Revista “Criança”, da TV Cultura, do Canal Kids e, também, de um livro paradidático maravilhoso doado pela Fundação UNILEVER



Confecção de trabalhos artesanais com resíduos coletados



e CEMPRE – “Compromisso Empresarial com a Reciclagem - O livro de Gaia – Uma pequena lição de amor” de autoria de Patrícia Engel Secco sobre as aventuras de uma adolescente e sua percepção de como o homem se relaciona com a natureza.

Ao longo dessa etapa, foram utilizadas diversas estratégias interdisciplinares de ensino e aprendizagem, tais como:

- Exposições de vídeos de curta duração da CEMPRE sobre coleta seletiva, aterro sanitário, compostagem, cooperativa, aço, alumínio, vidro, papel e embalagens “longa vida”. Cada vídeo variou 30 segundos a 2 minutos. Foram, ainda, exibidos curta-metragem.

- experiências de confecção de *slides* e estudo da formação de imagens (conhecendo os princípios de formação da imagem no olho humano e em instrumento óptico) com montagem de relatórios embasados na metodologia científica;

- confecção de experimentos de sucata;

- trabalhos com textos poéticos;

- passatempos relacionados aos temas, caça palavras e cruzadinhas;

- textos musicais ilustrados pelos alunos;

- reescrita e criação de letras musicais pelos alunos;

- palestras com técnico em meio ambiente;

- produção de acrósticos;

- resolução de problemas relacionados ao lixo;

- análise e confecção de gráficos e tabelas.

Durante toda essa etapa, os alunos realizaram leituras, produziram textos, desenhos e confeccionaram experimentos de sucatas (para confeccioná-los, os alunos realizaram diversas pesquisas sobre como construí-los e seu modo de funcionamento).

Ao término dessa etapa, os alunos testaram o que aprenderam participando do jogo “trilha ecológica”, construído coletivamente.

A etapa “Desembalando o lixo da minha casa” consistiu em um trabalho prático de pesquisa em que os alunos coletaram resíduos sólidos produzidos em suas casas, durante um período de dois dias. O material coletado foi levado para a sala de aula, onde foi analisado e quantificado.

Mesa-redonda — “De que forma posso desembalar o lixo do meu bairro?”

Nesse momento, o círculo começou a se fechar: os alunos já haviam tido o embasamento teórico, realizaram a prática por meio dos experimentos e com o material coletado começaram a expor suas conclusões. Para isso,



Teatro ambiental



foi organizada uma mesa-redonda em cada turma participante do projeto, cuja discussão girou em torno do problema: “Nós somos poluidores?”.

Após essa discussão, foi elaborado um documento intitulado “O que vamos fazer para desembalar o lixo do nosso bairro?”. Esse texto foi utilizado para a confecção de um informativo coletivo para toda a turma, foi xerocado e doado aos moradores do bairro.

A Arte da embalagem foi o momento de usar a criatividade e a imaginação.

Os alunos realizaram produções artísticas:

- Confeccionaram diversos trabalhos artísticos, tais como jogos, brinquedos, objetos de uso diário, realizados em oficinas ministradas por professores de arte;

- Organizaram uma peça teatral com personagens e cenário confeccionados de papelão;

- Elaboraram um Painel ambiental, intitulado “De mãos dadas, como podemos desembalar o lixo do nosso bairro?”;

- Todo o lixo levado pelos alunos e que não foi aproveitado foi descartado ao término do trabalho. Após a avaliação do que faríamos, ficou decidido que seria destinado a catadores de lixo.

A criação da mini-ONG “ESCOLA CIDADÃ”, hoje denominada PECICLAR (Pensando em reciclar), funcio-

na na Escola de Ensino Fundamental João Paulo II. Seus integrantes se reúnem aos sábados, em dois turnos, para realização de estudos sobre a problemática do lixo no bairro.

Dentre as mais variadas formas de avaliar, convém destacar: a participação dos alunos ao longo das atividades propostas, por meio das produções individuais ou coletivas e autoavaliações realizadas por todos os integrantes do projeto.

Ao longo das diversas etapas, percebemos o entusiasmo de nossos alunos ao executar principalmente as atividades práticas, sendo necessário que

nós professores também nos atualizássemos para a confecção de experimentos e artesanatos e, assim, também auxiliar nossos alunos em relação aos resíduos sólidos que eram vistos apenas como lixo e passaram a ser vistos como novos recursos educativos, artesanais e de diversão.

Percebemos, também, o interesse dos familiares de nossos alunos e de pessoas da comunidade (muitos deles sobrevivem da coleta de lixos residenciais) que, sensibilizados e estimulados pelas diversas possibilidades de reaproveitamento do lixo apresentadas pelos alunos e compreendendo que providências em relação ao lixo na comunidade deveriam ser adotadas, nos solicitaram a continuidade

*Esse trabalho irá servir como um referencial em direção a uma conscientização da problemática do lixo*



do projeto e sua extensão aos membros da comunidade em uma atividade realizada fora dos horários de aula e que, hoje, é garantida graças à existência da mini – ONG “Escola Cidadã” – PECICLAR.

Entendemos que a escola não pode ser apenas promotora e facilitadora da divulgação dos conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos pela cultura, mas deve ser, também, o lugar comum do desenvolvimento pessoal e coletivo, da cidadania e das competências necessárias a um viver digno, gratificante e responsável.

Com a experiência, pode-se concluir que, apesar da mobilização e do comprometimento dos alunos, integrantes da ONG e da comunidade, temos consciência de que esse trabalho não resolverá definitivamente todos os problemas de lixo da localidade, porém irá servir como um referencial em direção a uma conscientização da problemática do lixo.

Partimos do princípio de que campanhas e projetos sobre o lixo e a coleta seletiva não mudam comportamentos de forma duradoura. As campanhas servem como estímulo inicial, ou mesmo reforço de uma atitude, mas este estímulo necessita ser interiorizado de maneira que esta mudança de atitude persista. O comportamento humano

só muda verdadeiramente se mudarem os valores e sentimentos que o sustentam.

A motivação e o interesse de todos diante das diversas atividades realizadas no projeto aqui descrito vêm comprovar o sucesso do objetivo proposto: sensibilizar a comunidade de Jardim Carapina para os agravos do lixo. Mas gostaríamos de enfatizar que, além do empenho dos envolvidos no projeto, esse sucesso só foi possível através do estabelecimento de condições favoráveis para o desenvolvimento do trabalho, seja pela direção da escola que nos cedeu espaço, seja da comunidade que abraçou a idéia.

Sabemos o quanto é difícil implantar e implementar qualquer iniciativa em nosso País. Temos grandes desafios pela frente, entre eles captar novos recursos e parceiros para investir na construção de um espaço para o funcionamento da mini-ONG “Escola Cidadã” para que possamos oferecer à comunidade cursos profissionalizantes, acesso à informática, oficinas de lazer para as crianças, local para venda dos artesanatos, entre outros desafios.

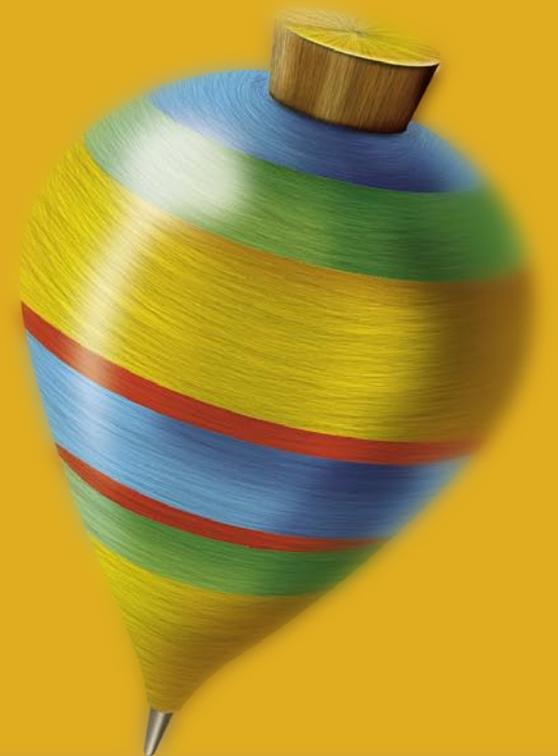
Acreditamos que o trabalho aqui descrito possa servir como fonte de inspiração e pesquisa para outras instituições de ensino.

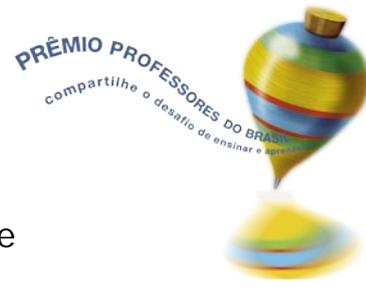


# 4

## Recursos pedagógicos, alfabetização e letramento

- . Pequenos aprendizes: “pintando o sete”.  
A arte que ousamos mostrar
- . O doce gostinho de aprender através  
de embalagens
- . Construindo identidades
- . Camisas para ler e aprender
- . O mundo dos brinquedos e os  
brinquedos do mundo



**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO****Título:** Pequenos aprendizes: “pintando o sete”.**A arte que ousamos mostrar****Professora:** Lucinéia Soprani Camargo**Co-autores do projeto:** Mary Tavares dos Santos, Tatiane Souza da Silva, Dayse Roberts Lima Freire e Alexandra Chmuleniski Alcure**CMEI:** “Zélia Vianna de Aguiar”**Município/UF:** Vitória/ES**Faixa etária atendida pela experiência:** 6 meses a 1 ano e 7 meses

## Pequenos aprendizes: “pintando o sete”.

### A arte que ousamos mostrar

O Centro Municipal de Educação Infantil Zélia Vianna de Aguiar trabalha com crianças entre seis meses e seis anos de idade, do Berçário I ao Pré, em período parcial e integral, elas estão distribuídas em 21 turmas com 25 alunos cada. As crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, são acompanhadas por um estagiário, durante o período que permanecem na escola.

A instituição localiza-se na zona central urbana da cidade de Vitória e atende a uma clientela econômica, social e cultural bastante heterogênea. A comunidade é composta por filhos de pais de classe média, filhos de trabalhadores do bairro e moradores de bairros e municípios vizinhos.

A turma do Berçário I, formada por um grupo de crianças entre seis meses e um ano e sete meses de idade, tem

por característica um período de adaptação com muito choro, o que leva os profissionais a criarem uma diversidade de atividades, que visando oportunizar tranquilidade e segurança nesse ambiente novo. Elas são recebidas com afetividade, e suas necessidades e diferenças individuais são observadas e respeitadas.

Por se tratar de crianças ainda bastante dependentes de cuidados, temos consciência que o cuidar está presente em nosso trabalho e, entendendo nossa responsabilidade, procuramos aliar este cuidar ao educar. Partindo desse pressuposto, nos banhos, trocas de fraldas, refeições servidas, que são atos de cuidar, o educar está presente em nossas ações pedagógicas para a conquista, pelas crianças, de maior independência e autonomia.

Nesta turma de 25 crianças há três



professoras e um auxiliar. Percebemos o interesse das meninas e meninos pelas atividades com água e por esse motivo estimulamos situações e vivências utilizando esse elemento natural como recurso pedagógico, visto que, tudo o que o envolvia, causava fascínio, alegria, descontração e tranqüilidade na turma. Estes foram os fatores que nos motivaram a iniciar o trabalho com este tema.

Fundamentando nossas ações, tomamos como referencial teórico alguns documentos norteadores da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação do município de Vitória, além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e diversas obras de literatura pedagógica e infantil, entre elas destacamos “História geral da arte”, “Compreender a arte”, “Água para que serve”, “Barquinho de papel”, “Linéa no jardim de Monet” e diversas revistas semanais.

Além da bibliografia citada, ampliamos nossos conhecimentos ao participarmos de Congressos, Seminários e demais cursos de Formação Continuada promovidos pela escola e pela Rede de Ensino. Contamos, também, em nossa prática com o apoio do então diretor da escola, professor arte-educador, que realizou oficinas com pais e educadores e assessorou o trabalho pedagógico.

***Essa experiência tem sido gratificante por percebermos o quanto frutificou e tornou visível nosso fazer pedagógico, nos apontando onde necessitamos rever nossa prática***

Acreditamos na prática pedagógica que desperte na criança o desejo de aprender, que produza sujeitos pensantes, senhores de suas vontades, capazes de aprender e transformar-se, produzindo história.

A criatividade e a inovação de nossa prática pedagógica, tornam a educação no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) um processo de aprendizagem que se dá tanto dentro quanto fora da escola, num esforço coletivo em que a criança possa ao mesmo tempo produzir e conhecer sua “herança” cultural, científica e tecnológica.

Unimos forças com toda comunidade escolar, principalmente com as famílias, tornando nossa escola um espaço cada vez mais livre, justo, solidário e de descobertas, pois, partilhamos da idéia expressa por Rubem Alves na crônica “A máquina do tempo”, quando cita:

*“Que coisa poderosa é o tempo!... Foi nele que viveram sábios... cientistas... artistas como Michelangelo, Rafael, Leonardo da Vinci... Peçam a seu pai - ou sua mãe, ou sua professora - para lhes contar estórias sobre esses homens. Se eles não souberem, que tratem de saber! Se nos programas da escola de vocês não houver lugar para falar sobre esses homens, reclamem com a diretora! Enviem uma carta à Secretaria de Educação, re-*



*clamando! Vocês têm o direito de saber. Eles têm o dever de ensinar”.*

Partindo do pressuposto de que a educação para a cidadania requer efetivo exercício do pensar, saber, saber-fazer e fazer, estimulamos a comunidade escolar a desenvolver trabalho de equipe, fundamentado nos valores éticos, na disciplina e pluralidade cultural, dentre outros.

Entendemos a arte como área de conhecimento e acreditamos na maneira lúdica de aprender.

No início do ano letivo de 2004 as crianças ingressaram na instituição, acompanhadas por familiares, encantadas com o novo ambiente. Aos poucos, porém, começaram a perceber que para estarem na sala de atividades os pais estariam ausentes, e, como é na-

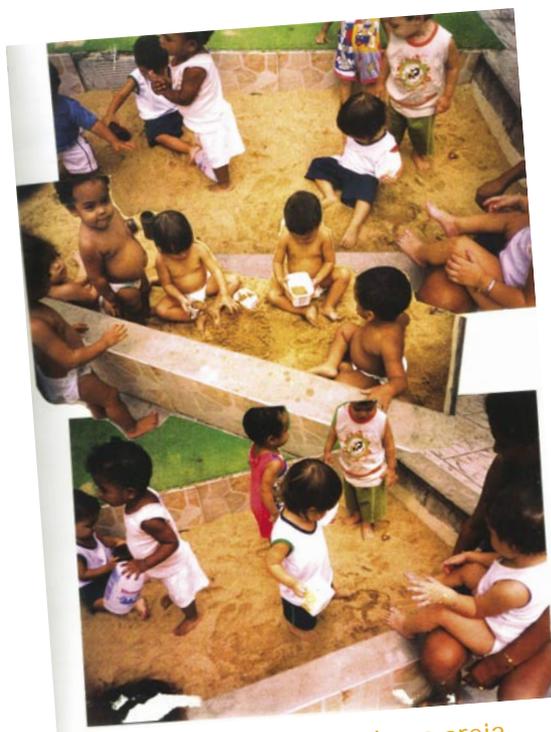


Foto montagem: brincando na areia

tural nesta fase de adaptação, muitas crianças choravam. Muita conversa, brinquedos diversos e histórias foram utilizadas para tranquilizá-las, mas nem sempre satisfazíamos as necessidades de todos. Insistindo nas tentativas, propusemos o banho prazeroso acompanhado de músicas, brincadeiras e o toque, tão importante para o desenvolvimento afetivo.

Percebemos o envolvimento de cada uma delas e a alegria nesta nova experimentação. Por esse motivo, visando vivenciar atividades utilizando a água como elemento lúdico, de estudo e pesquisa, oferecemos o banho divertido na escola.

Em nosso CMEI, dispomos de diferentes locais para vivências com a água: chuveiros e piscininhas para farrá d'água, tanques, proporcionamos banhos de mangueira e momentos para regar as plantas dos jardins, dentre outras atividades.

Nas reuniões semanais de estudo, partilhávamos nossas expectativas com os colegas de trabalho, que contribuíam com idéias e materiais de embasamento teórico e imagético, enriquecendo nosso repertório.

Selecionamos algumas obras de literatura infantil que abordassem a temática água. Inicialmente utilizamos o livro “Barquinho de papel”, de Regina Siguemoto e Martinez. A partir de sua leitura foi proposto a construção de um “livrão”, possibilitando a leitura e recriação de imagens.

Na seqüência, trabalhamos o livro “Água, para que serve a água?” de Anna Cláudia Ramos, o mesmo foi





Foto montagem

Baseadas nas obras de Monet as professoras usaram espelho para simulação de um lago

exposto na sala de aula, respeitando a estatura das crianças e a seqüência das imagens.

Tais atividades propostas nos conduziram ao alcance de um dos nossos objetivos: ampliar a linguagem oral e a manifestação de várias formas de comunicação.

Depois de brincar com uma caixa de papelão, apresentamos novamente o livro “Barquinho de papel” e juntos localizamos, nas suas ilustrações, o barco que se faz presente em todas suas páginas. A partir daí propusemos transformar aquela caixa grande em um “barcão” onde poderíamos continuar com as brincadeiras. Começamos a transformação diante do olhar atento e curioso das crianças. Desmonta daqui, recorta de lá, separa partes, cola outras, até que montamos o barco. Co-

lamos jornais por dentro e por fora, afinal de contas, o barco da história era de dobradura de jornal. Depois de forrado, toda turma ajudou a pintá-lo com guache colorido. Que farra! Pintamos “o sete...” e ele ficou lindo!

Com o barco realizamos diversas brincadeiras que possibilitaram experimentações e despertaram a curiosidade das crianças colocar e retirar brinquedos, puxar e empurrar, simular passeios, e entrar e sair do barco, desenvolvendo a coordenação motora.

Em outra atividade que inventamos foi utilizado garrafas descartáveis (tipo pet) e bolas de soprar. Procuramos inicialmente explorar esses materiais ao máximo enquanto vazios. Num segundo momento foram enchidos junto com as crianças com água, tintas, sementes e miçangas, o que





Jaciara - Oficina de arte com os avós das crianças

possibilitou a comparação entre as garrafas cheias e vazias, vivenciando a percepção quanto ao peso, quantidade e forma dos objetos.

Buscando nos aproximar das famílias e envolvê-las com o trabalho da escola, foram promovidos encontros para discussões sobre os cuidados com a qualidade da água que é utilizada em casa, no dia - a - dia das crianças, os perigos da água contaminada, e a importância do toque no banho rotineiro.

Dando continuidade ao trabalho convidamos alguns avós para partilharem seu saber conosco. Em sala, cantaram, tocaram instrumentos musicais, contaram histórias e confeccionaram brinquedos do tempo de sua infância para as crianças.

Nesse momento, também, oportunizamos aos avós a apreciação e o conhecimento de algumas obras do artista plástico Claude Monet (1840–1926) e realizamos com eles uma oficina de arte. Finalizamos esses mo-

mentos com um “vernissage” onde a presença dos avós foi indispensável para apreciarem suas contribuições: os brinquedos, as obras da oficina de arte e as fotos das participações em sala de aula.

Observando o grande interesse que as crianças manifestaram pelas obras de Monet, expostas na sala de atividade, decidimos “entrar na obra”. Escolhemos duas imagens do livro “Linéia no Jardim de Monet” e juntos construímos a nossa obra. Fotografamos a turma no pátio da escola simulando a Ponte Japonesa, (referência a uma das obras de Monet), nós professoras, fomos fotografadas em cadeiras simulando o banco do “Jardim de Monet”. A diretora nos auxiliou, pintando o quadro junto com as crianças e em seguida foi confeccionada uma colagem das fotos sobre a pintura. O produto final ficou lindo, foi emoldurado e pode ser apreciado por toda a comunidade.



A avaliação das atividades foi contínua e sistemática, todas as ações realizadas e seus resultados foram acompanhados norteando nosso trabalho para que as particularidades e necessidades das crianças fossem atendidas.

Acreditamos que é possível desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade com crianças tão pequenas. Observamos que o trabalho foi bastante apreciado pela turma e também por seus familiares, que sempre nos relatavam sobre determinada atitude nova e mudança de comportamento dos filhos. As crianças, de modo geral, apresentavam um ganho bastante significativo em todas as áreas do desenvolvimento, tornaram-se mais confiantes e tranquilas, ampliaram o vocabulário, movimentavam-se com bastante desenvoltura, organizavam-se em duplas ou pequenos grupos para brincar.

Algumas demonstraram maior autonomia, reconhecendo e organizando seus pertences, dos colegas e os materiais da sala. Muitas passaram a se alimentar sozinhos. Os conflitos aconteciam, mas com intervenções, conversas e questionamentos, novos combinados de conduta foram construídos.

Todas se conheciam pelo nome, mesmo com dificuldades de expressar-se verbalmente, e demonstravam grande afetividade umas pelas outras, inclusive procurando acalantar o amigo que chorava por algum motivo.

Os pais foram grandes parceiros,

atendendo nossas solicitações quanto ao envio de materiais e comparecendo com mais frequência a instituição.

O comprometimento da equipe técnica, professores, auxiliares e a parceria com os pais, facilitou o desenvolvimento das atividades. A disponibilidade de recursos pedagógicos e materiais e o espaço físico privilegiado, possibilitaram o desenvolvimento satisfatório de nossas ações.

Com coragem nos aventuramos a expor o trabalho à apreciação de um concurso e essa experiência tem sido gratificante por percebermos o quanto frutificou e tornou visível nosso fazer pedagógico, nos apontando onde necessitamos rever nossa prática.

Atingimos os objetivos traçados com nível de satisfação bastante elevado, provavelmente pelo grande envolvimento daqueles que de forma direta ou indireta participaram do processo.

Pensamos que a socialização dessa experiência com outros professores do país poderá contribuir de forma significativa na crença de que, mesmo com crianças tão pequeninas, é possível desenvolver um bom trabalho pedagógico quando o professor deseja profundamente ultrapassar suas limitações, e assim, buscar pesquisar, ousar experimentar e produzir trabalhos de qualidade, contando com a parceria da comunidade escolar, em especial, a equipe técnica-pedagógica da escola e dos familiares.



## Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. Quando eu era menino. Ed. Papyrus, 2003.

BJÖRK, Christina e ANDERSON, Lena. Línea no Jardim de Monet. Ed. Salamandra, 1985.

BRASIL, CNE, CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer nº 22/98, aprovado em 17 de dezembro de 1998.

BRASIL, MEC, COEDI. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FURNARI, Eva. Circo da Lua. Editora Ática, 2003.

MACHADO, Ana Maria. A Velhinha Maluquete. Ed. 1, 1986.

PARSONS, Michael. Compreender a Arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Editorial Presença, 1992.

RAMOS, Anna Cláudia. Água, para que serve a água. Ed. Dimensão

SIGUEMOTO, Regina. Barquinho de Papel. Ed. Compor, 1998.

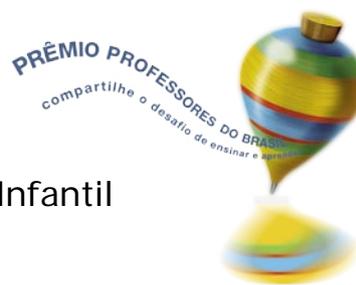
História Geral da Arte - Pintura v. Ed. DelPrado, 1997.

Revista Construindo Notícias, número 14 - ano 3 - janeiro/fevereiro 2004



**Dados de identificação:****Título:** O doce gostinho do aprender através de rótulos e embalagens de balas**Professora:** Paula de Fátima Cavagnari

Escola Municipal “Cecília Meireles” – Educação Infantil e Ensino Fundamental

**Município/UF:** Cambé /PR**Faixa etária atendida pela experiência:** 6 anos

## O doce gostinho do aprender através de rótulos e embalagens de balas

A escola onde o projeto se desenvolveu integra a rede municipal de ensino de Cambé, no Paraná e situa-se na periferia urbana da cidade. A escola funciona dentro das dependências do Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC “Salomão Jorge Haully” tendo ótimas instalações físicas, pois se trata de um Centro com apenas onze anos de idade.

O estabelecimento oferece a seus alunos um amplo refeitório e uma ampla área externa para prática de atividades desportivas, teatro, apresentações, etc. Possui biblioteca, salas para oficinas de projetos a serem desenvolvidos em horário alternado ao da sala de aula (pintura, informática, artes plásticas e manuais, teatro, dança e música) para atendimento aos moradores dos muitos conjuntos habitacionais de seu entorno.

Visando a melhoria do ensino, bem

como evitar e diminuir a repetência numa contínua busca de soluções alternativas e mais significativas para as aprendizagens, a escola realiza parcerias com: a Universidade Estadual de Londrina – UEL, Posto de Saúde, Associação de Bairros, Secretaria de Cultura e de Educação, IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), Fundação Nacional de Saúde, EMBRAPA Soja e EMBRAPA Alimentos.

A escola oferece também, aos alunos e à comunidade assistida, eventos culturais, como por exemplo: feira de artesanato, apresentação de danças, teatros, participação do coral da escola em eventos sociais, entre outras atividades que são fruto do trabalho realizado pelos professores das oficinas. Uma outra atividade cultural que a escola realiza todos os anos é a “Olimpíada Escolar”. Nela acontecem jogos





Fazendo uso das embalagens de balas

como: vôlei, xadrez, handebol e dominó, entre outros, que já fazem parte de seu calendário.

As famílias das comunidades atendidas pela escola situam-se na faixa econômica considerada de baixa renda sendo, portanto, muito carentes. A pouca escolaridade dos pais influencia grandemente na escolha das profissões, determinando a qualidade de vida.

Os recursos econômicos dos bairros atendidos são provenientes da agricultura e de um pequeno comércio, já que a região encontra-se passando por um surto de desenvolvimento com instalações de indústrias.

Algumas características da turma envolvida, as quais justificaram o de-

envolvimento deste projeto, foram que alguns dos alunos não frequentaram a pré-escola e, por isso, apresentavam dificuldades de: coordenação motora, lateralidade, discriminação de cor, observação, atenção visual e auditiva, oralidade, respeito ao “outro” e observar regras de convivência social.

Outro fator relevante foi a contextualização do ensino, o que permitiu a valorização da diversidade e dos conhecimentos socioculturais dos alunos, integrando-os e motivando-os à construção de conhecimento através da forma de um ensino muito lúdico que, pautando-se na sua realidade concreta, serviu como estímulo, elevando a auto-estima e interesse, ao mesmo tempo possibilitando apren-



dizagens realmente significativas. No início do ano não possuíam pré-requisitos necessários à alfabetização, porém foram adquirindo-os durante o desenvolvimento das atividades do projeto e, assim, alfabetizando-se.

A escolha do tema surgiu quando alguns alunos conheceram algumas balas japonesas que ganhei certo dia e, curiosos, quiseram saber mais sobre elas do que apenas olhá-las de longe. Refleti e, porque balas são doces que todos têm em comum por ser de fácil aquisição em virtude do baixo poder aquisitivo que têm, propus o projeto e eles aceitaram imediatamente.

Para o desenvolvimento das ações, empreguei uma metodologia de participação ativa que, além de fornecer-lhes conteúdos que deviam ser sistematizados, instigava-os a seguir em frente, curiosamente.

Para isso, trabalhamos: escrita do próprio nome, recorte e colagem, texto jornalístico, coleta de embalagens de bala, produção de textos individuais e coletivos, versinhos, classificação, atividades recreativas e de educação física, adaptação de cantiga, paródia, caça-palavras, poesias, situações-problema, rótulos e recadinhos, jogos diversos, cartazes, dinâmica, acróstico, adivinhas, caça ao tesouro, receita de bala *toffee*, localização no *mapa mundi*, conscientização ambiental e recicla-

gem do lixo, criação de propaganda de bala, gráfico de preferência do sabor de bala da turma - trabalho que foi desenvolvido através de atividades de cunho lúdico, ora individuais, ora coletivas, comparações e identificações de fonemas e grafemas, hipóteses escritas, classificação de palavras, interpretação e expressão oral.

A alfabetização ocorreu de forma global, pois, tanto em momentos formais quanto informais, enquanto as estratégias pedagógicas viabilizavam satisfatoriamente o processo de momentos informais, interdisciplinavam as idéias, comportamentos e atitudes, interligando todos os aspectos.

Desse modo é que os alunos foram aprendendo e apreendendo conhecimentos de leitura e escrita.

A partir de atividades diversificadas em que fizemos o uso de rótulos e embalagens de balas, percebi, o tempo todo, o interesse dos alunos em querer ler, procurar, acertar, expressar-se, enfim. Fundamentando esse tipo de atividade está a teoria de BARBOSA ao afirmar que “a informação e a compreensão estão ligadas ao indivíduo, à estrutura cognitiva e dependem tanto do que ele conhece quanto do que procura saber” (1994, p. 118).

O processo avaliativo serviu-se de vários instrumentos para verificar a aprendizagem, tais como: observações,

***“a informação e a compreensão estão ligadas ao indivíduo, à estrutura cognitiva e dependem tanto do que ele conhece quanto do que procura saber”***



reflexões, conversas, análises, interpretações orais e escritas.

Ponto positivo e fundamental foi a co-participação dos alunos no planejamento de atividades visando ao cumprimento dos objetivos iniciais propostos. Essa estratégia fez com que elevassem sua auto-estima. Um exemplo disso é o do aluno que, após o dia em que conversamos sobre a necessidade de higiene e cuidados com a aparência pessoal, veio vestido e caracterizado de acordo com seu padrão de “beleza”.

Posso afirmar que os resultados superaram minhas expectativas, não apenas no que concerne à alfabetização, mas, principalmente, pela transdisciplinaridade das aprendizagens, o que ressalta a importância da formação continuada do professor para que possa empreender um trabalho cada vez mais qualitativo. A título de ilustração da transdisciplinaridade, posso citar que ao fazermos o estudo do *mapa mundi* para localizar o Japão, um dos alunos quis localizar a cidade de Curitiba, onde seu pai se encontrava morando à época. Segundo ressaltam as teorias sociointeracionistas, a exploração e descoberta individual são recursos mais importantes que o ensino (GOULART, 2000; OLIVEIRA, 1993).

FERRERO (1985) considera a alfabetização como sendo um processo que extrapola o mero domínio do código escrito, pressupondo o uso desse código em situações reais de interlocução, nas quais há compreensão (através da leitura) e expressão (através da escrita)



Trabalho com rótulos e embalagens desenvolvendo a alfabetização

de significados. Nesse sentido é que entendi ser necessário buscar a prática interdisciplinar como recurso para consubstanciar uma pedagogia que gerasse aprendizagens significativas e que motivasse os alunos valorizando seus saberes, contexto e ritmo próprio de desenvolvimento.

Quanto ao processo de ensino, HOFFMANN (1993) parece de acordo com as teorias sociointeracionistas, pois adverte que a orientação para a aprendizagem deve partir do conhecimento do próprio aluno e do seu modo de entender as coisas para, desse modo, propiciar condições em que ele construa conhecimentos de maneira significativa.

Trabalhei todo o projeto a partir dos saberes que os alunos dominavam e das informações que permeavam suas vidas, como no caso do tema Meio Ambiente, com o qual eles se identificaram por motivos tais como: os bair-



ros em que residem não possuem coleta de lixo diária; porque a grande maioria dos esgotos e águas servidas estarem a céu aberto, enquanto desfrutam do privilégio de possuírem muita vegetação e ribeirões cortando um ou outro bairro.

Outro exemplo de contextualização e interdisciplinaridade é o do Projeto “Oficina da Escrita”, momentos em que os alunos produziram, revisaram e criticaram seus próprios textos, escritos a partir de suas próprias experiências de vida. A experiência de criticar seus próprios textos bem como os dos colegas, longe de servir como elemento de conflito, serviu como uma zona de desenvolvimento proximal em que tinham a possibilidade de construir novas aprendizagens (VYGOTSKY, 2001).

Proporcionei, dessa maneira, aos educandos que tivessem o acesso ao conhecimento sistematizado, de modo a serem capazes de organizar, relacionar, sintetizar e apreender os conceitos que são pertinentes às diversas áreas científicas, o que con-

vergiu para sua formação como cidadãos. O projeto possibilitou, enfim, o enriquecimento cultural dos alunos, tanto no processo educativo quanto enquanto pessoas. Tanto é assim que, ao final do projeto, os alunos que eram de difícil trato ao início do processo, ao final do mesmo já se apresentavam seguros, motivados e com a auto-estima elevada, a ponto de adquirirem a competência de escrever e falar sobre o assunto/tema, bem como para expor suas idéias.

Posso afirmar, com base em FREIRE (1996), que eu e os alunos fomos ora professores, ora aprendizes, pois não foram apenas eles que cresceram em maturidade e desenvolvimento: eu também cresci em conhecimento e prática pedagógica, uma vez que pude realizar trocas com outros educadores e, ainda - o que é essencial - pude pesquisar e, desse modo, reforçar o conhecimento que eu tinha sobre interdisciplinaridade, motivação e lúdico. Dessa forma, posso enfatizar que o universo dos alunos é campo fértil para subsidiarmos nossa prática pedagógica e mantermos a motivação e interesse deles em alta nestes dias em que o “fora” da escola é tão mais chamativo no que tange à imagem e tecnologia do que o “dentro” da escola.

No caso de desenvolver um outro projeto, eu partiria, exatamente, da contextualização, seja com que tema for, já que Paulo Freire deixou-nos o bom exemplo desse procedimento, inclusive ilustrado pelos resultados de uma alfabetização significativa, o que lhe valeu reconhecimento internacio-



Recorte e colagem dos papéis de balas



nal, tomando também como base a teoria de aprendizagem de Vygotsky que afirma que “a aprendizagem só é possível na medida em que se baseia no interesse da criança” (VYGOTSKY, 2001, p. 163).

## Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. Um método para o ensino fundamental: o projeto. Petrópolis, Vozes: 2001.

BARBOSA, José Juvêncio. (1994) Alfabetização e leitura. 2ª ed. São Paulo: Cortez.

FERRERO, Emília & TEBEROSKY, Ana. (1985) Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médiaas.

GOULART, Íris Barbosa. (2000) Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis: Vozes.

HOFFMANN, J. M. L. (1993) Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade

OLIVEIRA, Marta Khol de. (1993) Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione.

Vygotsky, Lev S. (2001) Psicologia pedagógica. 1 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes.



**Dados de Identificação:****Título:** Construindo identidades**Professora:** Patrícia da Silva Dutra  
Creche Santa Catarina**Município /UF:** Cabedelo PB**Faixa etária atendida pela experiência:** 11 meses a 2 anos

## Construindo Identidades

O projeto Construindo Identidades foi realizado na Creche Santa Catarina, no município de Cabedelo/PB, na comunidade do Jardim Manguinhos. A estrutura física da instituição comporta cinco salas de aula, uma secretaria, uma sala para coordenação pedagógica, brinquedoteca, cozinha, refeitório, área de serviço, seis banheiros, sendo três com estrutura física para crianças pequenas, um parque com tanque de areia, um pátio e jardim.

Nessa comunidade a atividade econômica predominante é a pesca e o comércio informal, a maioria da população cursou apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental. Concentra seu lazer na praia, na televisão, nas atividades culturais promovidas por grupos culturais.

As crianças atendidas na instituição estão, em sua maioria, vivendo em situações adversas, enfrentando precárias condições de moradia e saúde.

Contudo, elas são felizes e animadas, gostam de participar das atividades propostas.

As brincadeiras preferidas da turma são no tanque de areia, bem como as atividades realizadas no “cantinho do faz de conta” onde as crianças têm a sua disposição roupas, sapatos, bolsas e maquiagem para usarem livremente, proporcionando o desenvolvimento da imaginação e realização de descobertas.

Ao constatar que as crianças da turma, de 11 meses até 2 anos de idade, não identificavam sua própria imagem refletida no espelho, mas, ao mesmo tempo, demonstravam entusiasmo e alegria diante de algo novo, surgiu a idéia de desenvolver atividades voltadas para a construção da identidade, a expressão corporal, a oralidade e o conhecimento do próprio corpo.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), do Ministério da Educação, o eixo identidade e autonomia está





Observação nos espelhos - atividade coletiva

centrado nos cuidados essenciais para o desenvolvimento pleno e integral das dimensões afetiva, cognitiva e social da vida humana.

A construção da identidade é vista a partir do desenvolvimento e da distinção entre o “eu” e o “outro” reconhecendo semelhanças e diferenças. Através das interações sociais, as crianças trocam experiências com o outro e, assim, gradativamente, delineiam a sua forma única de ser. Considera-se então que, no nível pessoal, o processo de construção de identidade leva o indivíduo a buscar conhecer o que é estável e o que é circunstancial em si mesmo, suas potencialidades e limites, seu nível de autonomia e sua dependência em relação às coisas, às pessoas e ao mundo que o cerca.

Segundo Lev Semionovich Vigotsky

(1896-1934) a construção da identidade da criança emana da cultura, na interação entre pares, no contato com adultos.

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI), também estabelece que a relação entre pais e profissionais é fundamental no acompanhamento conjunto dos progressos que a criança realiza.

A construção da identidade pode ser influenciada também por uma intervenção pedagógica, que independe do ambiente social em que o indivíduo está inserido. Ou seja, se nesta fase da infância estimulamos a autoconfiança, a autoestima e a demonstração de necessidades e interesses, certamente, teremos um adulto mais autoconfiante e com autoestima elevada.

Pretendendo auxiliar as crianças na construção de sua identidade, de for-



ma lúdica e prazerosa, o projeto foi iniciado com a introdução de espelhos na sala de aula, observou-se nessa oportunidade, o comportamento das crianças diante da sua própria imagem.

A princípio os meninos e meninas olhavam-se e ficavam imóveis, outros se aproximaram, batiam no espelho e demonstravam alegria, satisfação e bem estar.

Durante uma roda de história foi apresentado o livro Tanto, tanto! de Trish Cook, o mesmo trata sobre a temática da família exploramos o livro, apreciando suas ilustrações, conversando sobre as expressões faciais e corporais dos personagens e indentificando-os. Visando desenvolver a linguagem oral das crianças e o reconhecimento de seus sentimentos, questionava-as: “Onde está o bebê?”; “O titio está feliz ou triste?”; “Olha a roupa da mamãe”, etc.

***Através das interações sociais, as crianças trocam experiências com o outro e, assim, gradativamente, delineiam a sua forma única de ser***

Sabendo que o trabalho da instituição não pode ficar dentro de seus muros, ampliamos a parceria com as famílias, pois acreditava que a articulação com elas poderia fortalecer os laços de coresponsabilidade.

Iniciando esta parceria os pais foram convidados para uma reunião na qual foram apresentados os objetivos do projeto, essa conversa foi importante para recebermos o apoio de todos.

Solicitamos às famílias que enviassem fotos das crianças e de familiares para a instituição. Na sala de atividades montamos uma exposição com as fotos, cada criança identificava sua foto, do colega e dos familiares.

Em um segundo momento apresentei à turma uma carteira de identidade conversamos sobre o que era aquele documento e confeccionamos uma carteira de identidade para criança.

Realizamos visitas freqüentes pelas dependências da instituição, pelas ruas, pela praça do bairro cumprimentamos colegas, funcionários e as pessoas da comunidade, interagindo, desta forma, com outras pessoas.

A experiência, além de possibilitar a construção da identidade, também contribuiu com o desenvolvimento da afetividade, oralidade, interação, autonomia, respeito e ainda trabalhamos com o egocentrismo do grupo, característica



Roda de leitura



comum nesta faixa etária.

O crescimento do grupo foi observado em um momento, entre outros, quando ao nos encaminharmos para o refeitório uma menina foi buscar um colega, estendendo-lhe a mãozinha, com carinho e preocupação, pois este num primeiro momento não queria nos acompanhar.

Sabendo que o movimento é inerente à infância, realizamos atividades com músicas, descobrindo assim o próprio corpo.

Outra atividade desenvolvida foi o desenho do corpo tendo como modelo o próprio corpo das crianças. À medida que desenhava conversava com a criança: - Carla, olha os seus cabelos, a tia vai desenhar aqui do mesmo jeito! Agora estamos contornando sua perna direita!

Realizamos uma atividade de pintura do rosto, com diversas maquiagens, todos pintaram o rosto do colega e, é claro, da professora. Paramos para nos observar no espelho e a alegria foi geral. As crianças observavam a diferença entre o rosto mais e menos maquiado.

Foi realizada uma oficina de interação com os pais na qual eles viveram atividades como seus filhos. Foi um momento muito importante para aproximar os pais da escola e assim podermos conhecer mais sobre as crianças atendidas na instituição.

Apresentamos o resultado do trabalho para toda a comunidade, pois acreditamos ser importante que as crianças interajam com diversas pessoas. Confeccionamos convites para a exposição



Colocando a foto na identidade

dos trabalhos e saímos à rua para distribuí-los para toda comunidade.

A creche foi aberta para todos e vieram muitos convidados, foi possível notar que a alegria não era apenas das crianças, mas também, de seus familiares. Foi uma tarde maravilhosa.

Desta forma, acredito que estamos promovendo a prática de educação e cuidados, definida na proposta pedagógica da escola. Possibilitando, assim, a integração entre aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, lingüísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

No decorrer do trabalho realizava avaliações constantes sobre o desenvolvimento da turma e o trabalho desenvolvido, desta forma constatei a importância de ser uma educadora mais atenta às manifestações de cada criança individualmente, pois, as atitudes, expressões e condutas revelam



as necessidades e o desenvolvimento dos pequenos. Acredito que cabe a nós professoras e professores desenvolver um olhar sensível e não deixar passar em branco as oportunidades de conhecer as crianças.

Desta forma, ao avaliar o projeto, fez-se necessário refletir constantemente sobre alguns pontos relevantes:

- Como era o “antes” e como está o “agora”?
- Como está a interação do grupo?
- As atividades trabalhadas têm sido favoráveis ao processo de construção da identidade?

Essas questões possibilitaram a reflexão e o planejamento das ações, refazendo a prática pedagógica na busca de resultados satisfatórios que atendam as necessidades de cada criança. Ou seja, a avaliação se constituiu em um campo permanente de reflexão e auxílio no diagnóstico das dificuldades e superação dos problemas.

Durante o trabalho constatamos que

o desenvolvimento das crianças, como era de se esperar, não foi igual, alguns tiveram maior crescimento enquanto outros precisaram de mais atenção.

Com base nos resultados obtidos, podemos notar que os passos iniciais para a construção progressiva da identidade e da cidadania já foram dados.

A curiosidade e a participação dos familiares foi muito positiva para o desenvolvimento das crianças. É importante tornar estes momentos contínuos, fortalecendo a parceria entre a família e a escola.

Atualmente, observando as crianças em frente ao espelho, constata-se que elas, além de reconhecerem sua imagem, gostam do que vêem, ou seja, lhes agrada a idéia de saber que aquela imagem refletida é dela.

A Educação Infantil deve ser compreendida como um segmento que precisa garantir à criança o direito à infância com respeito, amor e possibilidades de crescimento.



### Dados de Identificação

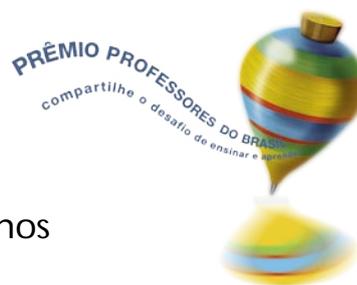
**Título:** Camisas para ler e aprender

**Professora:** Jaqueline Maria de Souza Dias

**Escola Estadual Nossa Senhora da Glória**

**Município/UF:** Manaus/AM

**Faixa etária atendida pela experiência:** 8 a 11 anos



## Camisas para ler e aprender

O projeto “Camisas para Ler e Aprender” foi colocado em prática no ano de 2004, numa turma de 2ª série do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Nossa Senhora da Glória, localizada no Bairro da Glória, zona oeste de Manaus. O prédio escolar pertence à Paróquia de Nossa Senhora da Glória, por meio de convênio com a SEDUC – Secretaria Estadual de Educação.

É uma escola pequena, sem espaço físico para recreação ou atividades extra-sala de aula. Não tem biblioteca e ainda não é climatizada. Possui 5 salas de aula e atende a 504 alunos em três turnos. No Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, são 164 alunos no período matutino e 165 no período vespertino. Na EJA (Educação de Jovens e Adultos) são atendidos 175 no período noturno.

A escola está inserida numa comunidade de classe baixa e pobre, onde a maioria da clientela reside no alagado (Igapó) que corre para o Rio Negro, e outra parte é oriunda do interior do

Estado. Boa parte das famílias possui de 5 a 8 pessoas em cada casa e apresenta baixa renda. Os responsáveis encontram-se desempregados ou em busca de trabalho e as crianças passam o dia sozinhas vendo televisão ou na rua, sem orientação e faltam muito às aulas.

A faixa etária dos alunos que fizeram parte da experiência é de 8 a 11 anos, sendo alguns repetentes, outros novatos ou desistentes de outras escolas. Outra característica da turma é que a maioria não mora com os pais, são provenientes de lares desfeitos, mas vivem com avós ou outros parentes já sobrecarregados com os próprios filhos, o que dificulta o apoio destes nas atividades dos educandos.

As crianças atendidas, de modo geral, são muito carentes financeira e afetivamente e a maioria dos responsáveis é semi-analfabeta e não tem o hábito de leitura em casa, nem o costume de comprar livros para os filhos. Assim, as crianças apresentavam muitas dificuldades na leitura e na escrita.



No início do ano, observei que meus alunos não conseguiam escrever frases com clareza e o que se percebia nos alunos era uma leitura mecânica e falta de compreensão global do que era lido. As crianças apresentavam-se sem vontade de estudar e sem disposição para a leitura.

A idéia de utilizar camisas com textos impressos surgiu quando, durante uma aula, percebi que meus alunos ficavam olhando para um texto com figura impressa em uma camisa que eu estava usando e a fazer perguntas: “Professora por que a senhora escolheu esta blusa?” Parei tudo e respondi para eles que sempre que gosto de algo ou acho interessante, busco divulgar por meio da impressão deste assunto em camisas, pois devemos sempre divulgar o que é bom. Percebi na atitude curiosa dos alunos um possível caminho para atraí-los para as aulas e para a leitura.

Lembrei-me neste momento de Paulo Freire (1996): “Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto, igualmente do aluno, a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na experiência docente” (pág. 50). Na prática docente, é importante buscar compreender o que é relevante e interessante para o aluno e, assim, poder ajudá-lo. A estratégia, então, era utilizar os próprios alunos (usando camisas com textos impressos) como ponto de partida para atrair a atenção deles para a leitura, fazendo com que se sentissem valorizados e elevando sua auto-estima ao se sentirem o centro das atenções.



Ao trabalhar com textos impressos na camisa dos alunos procurei tornar mais próximo o contato leitor/leitura e mostrar para os educandos que, no dia-a-dia, também encontramos muitas formas de escrita impressas em cartazes, em placas de carros, nomes de ruas, catálogos, etc e que é muito importante saber ler tudo o que vemos à nossa frente para compreendermos melhor o mundo que nos cerca. Segundo Ezequiel Teodoro (1996) “a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão de novos graus de ensino da sociedade” (p. 16).

Dominar a linguagem é uma necessidade socialmente exigida. A escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, deve propiciar aos alunos uma aprendizagem significativa da língua, formando leitores competentes.



A leitura de textos diversificados propicia ao aluno o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente os usos lingüísticos e, de acordo com Kleiman, (1993): “Quanto mais familiaridade eles tiverem com textos narrativos, expositivos, descritivos, mais conhecida será a estrutura desse texto, e mais fácil a percepção das relações entre a informação veiculada no texto e a estrutura do mesmo” (p. 87).

Com esta experiência conseguimos atrair a atenção e o interesse dos alunos pelos textos como uma divertida brincadeira de ler o que estava impresso nas camisas, pois as crianças se sentiam parte importante nesse processo visto que as leituras partiam delas e cada aluno era responsável por determinado texto (ou assunto). Como diz Rubem Alves, (1999) “Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. É preciso que o ato de ler dê prazer” (pág. 61).

Assim é que passamos a imprimir os textos nas camisas das crianças e, então, brincar de ler os textos, às vezes, ler mesmo sem saber ler para “aprender a ler, lendo” (PCN Língua Portuguesa, pág. 56), explorando a sonoridade das palavras e rimas e explorando o visual dos textos impressos nas camisas. Com esse exercício diário, elas foram

percebendo a correspondência entre a fala e o registro, ou seja, que tudo que se fala pode ser registrado e tudo que está escrito pode ser lido, vivenciando situações reais de leitura – ler o que está na camisa do colega, ler o que estava em placas, cartazes, etc.

Essa experiência favoreceu as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula e o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, solidária e criativa.

Através da convivência cotidiana e valorizando a vivência e afetividade da criança, buscamos estimulá-la para a leitura e a aprendizagem. Fizemos com que cada uma delas se sentisse valorizada e aceita dentro do grupo, através do diálogo e da participação de todos para promover seu desenvolvimento integral, pois para Carlos Henrique Carrilho Cruz (2002), “Além da dimensão cognitiva trabalham-se também as dimensões intersubjetivas dos alunos, os vínculos que se criam dentro de sala de aula e, nesse caso, a cognição está sendo trabalhada inserida num contexto social, afetivo, intersubjetivo e não apenas a dimensão cognitiva de cada sujeito isoladamente” (pág. 34).

A finalidade principal do trabalho com a Língua Portuguesa na escola é a

***Para aprender a ler, ou seja, formar leitores competentes, é preciso fazê-los interagir com a diversidade de textos escritos***



formação de usuários competentes da linguagem, o que deve estar, por sua vez, a serviço do desenvolvimento dos alunos como pessoas e como cidadãos, críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Através das atividades de ler a camisa dos colegas, as crianças tiveram oportunidade de interagir com os outros educandos e expressar melhor sua afetividade. “Portanto, é preciso que o professor busque, na sala de aula, a integração entre as dimensões afetivas e cognitivas do processo de ensino-aprendizagem”, como afirma Mércia Procópio.

De acordo com os PCN de Língua Portuguesa, “Para tornar os alunos bons leitores - desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o comprometimento com a leitura - a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a ‘aprender fazendo’” (1ª a 4ª série, Vol 2. p. 58).

Para aprender a ler, ou seja, formar leitores competentes, é preciso fazê-los interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar o uso que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato num trabalho de linguagem onde o texto é a base (PCN). Observando essa necessidade é que foi realizado o projeto “Camisas para ler e aprender”. Com esta experiência, as crianças tiveram oportunidade de in-



Concurso de leitura nas camisas

teragir com a diversidade de textos, despertando o gosto pela leitura.

O objetivo geral desta experiência foi atrair as crianças para a leitura e familiarizá-las com os diferentes tipos de textos, estabelecendo um ambiente alfabetizador, onde o texto ocupasse lugar de destaque e fosse algo atraente e desafiador para o educando, oportunizando às crianças da segunda série do Ensino Fundamental uma aprendizagem prazerosa para:

- Promover a prática da leitura de diferentes tipos de textos, tais como: poesias, contos, histórias, texto instrucional, textos informativos, etc; como exercício para uma boa escrita;

- Compreender que a leitura pode ser uma fonte de informação, de conhecimento e de prazer e assim promover o gosto pela língua escrita ao perceber suas funções e seu uso social para registrar, divertir, informar, comunicar e instruir;

- Desenvolver postura de pesquisadores que sabem ir atrás do que querem saber;



- Fazer comentários e formular perguntas dentro do contexto discutido, sabendo também ouvir o relato dos colegas e esperar a vez de falar e elaborar textos partindo de sua vivência.

#### ETAPAS E DURAÇÃO DO PROJETO: MARÇO A DEZEMBRO DE 2004.

- Arrecadação de livros entre pais de alunos, funcionários da escola e da comunidade;

- Pesquisa com os alunos sobre textos dos livros arrecadados que eles mais gostassem;

- Recortar e colar os textos escolhidos;

- Colar os textos em papel ofício e enfeitá-los com figuras, alfabeto, numerais, etc;

- Exposição dos trabalhos confeccionados pelos alunos;

- Conversa (reunião) com os pais para imprimir os textos nas camisas;

- Leitura dos textos pelas crianças: poesias, parlendas, quadrinhas, histórias, etc;

- Exploração dos textos em estudo;

- Concurso de leitura;

- Produção de textos sobre os temas das camisas;

- Elaboração do cantinho de leitura com fichas de leitura, livros, revistas, jornais e outros livros de historinhas para empréstimo pelos alunos, etc;

- Avaliação do processo através de confecção de painel com fotos e atividades realizadas pelos alunos.

Depois de arrecadar livros usados ou copiar textos variados, as crianças pesquisavam e selecionavam os textos

que queriam. Os textos preferidos pelos alunos foram as parlendas, poesias e quadrinhas por serem de fácil memorização, compreensão e ter uma relação direta com a própria vivência deles. Enfim, são textos que agradam às crianças e facilitam situações de leitura.

Dividido em grupos de três, os alunos colavam o texto em folha de papel ofício e completavam a folha colando o alfabeto, palavras, numerais, figuras, desenhos, pinturas, como queriam, para que pudessem consultar sempre que tivessem dúvidas ao ler o texto. Com os trabalhos prontos, expusemos na sala de aula para que todos vissem a produção dos colegas. O próximo passo foi pedir aos pais para imprimir os textos em camisas.

Com as camisas prontas, busquei estimular as crianças para a leitura. Os educandos eram orientados a ler as imagens, a antecipar o que ia acontecer no texto e depois comentar o que tinham entendido, observando tudo o que compõe a página do texto: letras, desenhos de pessoas e animais, números, formas e cores, título, autor, palavras iguais e o texto propriamente dito.

Porém, eles queriam falar tudo ao mesmo tempo. Como todos estavam ansiosos para falar sobre sua camisa, aproveitou-se esse momento para mostrar aos educandos que seria necessário estabelecermos algumas regras para que todos pudessem falar e serem ouvidos: eleger a vez de cada um falar, esperar a vez de ler, ouvir com atenção, respeitar, elogiar, etc.

Foi um exercício constante e, gradativamente, eles foram compreendendo



Leia e aprenda -  
 vista a camisa da  
 educação para o  
 trânsito.

Respeite  
 os sinais



As alunos fizeram um desenho do  
 trânsito para colocar na camisa.  
 Eu fui entregar a camisa para a mo-  
 ça que estava andando de bicicleta na  
 rua, ela passa todo dia lá. Agora ela  
 vai mostrar para todo mundo que as  
 pessoas tem que respeitar os sinais do  
 trânsito para não ter acidentes e para  
 ninguém morrer na rua.

Aluno: Fabrício

Produção escrita a partir de fatos do cotidiano



a importância de obedecer a regras e normas (partindo de algo que lhes interessava). Essa foi uma oportunidade valiosa para desenvolver a habilidade de saber ouvir. Nessa atividade, observando a atitude dos alunos, pude também conhecê-los e compreendê-los melhor e, então, ajudá-los, pois segundo Paulo Freire (1986), é importante para um educador junto a seus alunos “Aprender com eles, mas a eles, igualmente, algo ensinar”.

A cada dia era sorteado um aluno para apresentar seu texto. Depois que a criança falava livremente sobre o texto impresso em sua camisa, buscava trabalhar o texto com toda a turma. O trabalho era iniciado lançando questões sobre os textos para fazer com que os alunos refletissem e pudessem avançar na compreensão dos mesmos, tais como: - Onde começa e termina a fala de tal personagem? - Onde está tal palavra? - O que vai acontecer no final do texto? - Por quê? - Levando, assim, o aluno a analisar e a avaliar, também, as relações entre texto e ilustração e chamando sempre a atenção para os diferentes textos e sua função para, dessa forma, as crianças perceberem os diferentes usos da escrita e incentivando, também, a pseudo-leitura de textos conhecidos e amplamente trabalhados em sala de aula, refletindo sobre as semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita. “Aprender a ler pela prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha em jogo tudo que sabe para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem”.(PCN Língua

Portuguesa pág. 56).

Nas semanas seguintes foi proposto outro desafio: que eles procurassem “ler” também o que estava impresso na camisa dos colegas. Isso fez com que cada um tivesse papel ativo e importante dentro do grupo, desenvolvesse o respeito pelos colegas e o espírito de cooperação entre eles, pois quem já sabia ler o próprio texto buscava ensinar o colega. Isso ajudou a acelerar a aprendizagem da leitura de forma participativa e prazerosa. Segundo os PCN, “A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma” (pág. 56). Com isso, foi possível atrair o interesse e a atenção das crianças, elas se sentiam importantes e estimuladas a se esforçar e melhorar o desempenho em sala de aula.

Aprender a ler se aprende lendo e quem lê, sem dúvida nenhuma, escreve melhor. Sabe-se que é necessário buscar fazer com que os alunos, além de conquistarem a base alfabética, possam, também, pouco a pouco, tornarem-se leitores e escritores mais autônomos e fluentes, tenham contato com a diversidade textual e também sintam o prazer da leitura, levando-os a perceber que a leitura é algo desafiador e muito interessante e que, se conquistada plenamente, dará autonomia e independência, ajudando-os a aprender a aprender.

Para verificar se os alunos estavam aprendendo, progredindo e compreendendo os textos, procurava solicitar a eles que lessem a poesia/textos em



suas camisas e na camisa dos colegas e comentassem a respeito. Dedilhando pelo texto e buscando ler, foram aprendendo a correspondência entre a fala e o registro, que tudo o que se fala pode ser escrito e tudo que está registrado pode ser lido.

O texto da camisa de cada aluno era reproduzido em folha mimeografada, entregue para eles e trabalhado um a um, dia-a-dia. Foram feitas, também, frases em tiras para montar o texto (fatiar o texto: O Real no Construtivismo, pág. 17 a 21), destacando frases para contar o número de palavras, identificando e marcando as palavras que se repetem, grifando-as com traços coloridos e separando-as.

Ao longo do processo foram oferecidas outras atividades de leitura e escrita, sempre partindo dos textos: em folha mimeografada os alunos tinham de completar palavras com letras e sílabas, concluir o texto estudado e impresso na camisa, completando com o vocabulário que faltava, revendo o texto e trabalhando a separação silábica. Foram feitas, também, outras atividades com leitura e resolução de adivinhações, cruzadinhas, caça-palavras relacionadas ao texto, exploração da ortografia, ditados, leituras, composição de frases, interpretação, partindo dos textos já conhecidos e estudados.

Quando se diz que é necessário “aprender a ler, lendo”, isso quer dizer que o aluno deve adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica e também compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético dentro de uma prática ampla de leitu-

ra (PCN). Com esse trabalho foi possível despertar o interesse deles por todo tipo de material impresso encontrado no seu cotidiano: catálogos, placas, avisos, outdoors, ícones, etc, buscando ler e interpretá-los e sabendo recorrer a esses diferentes materiais para atender a necessidades específicas. Segundo os PCN, “É necessário buscar informação num exercício de reflexão, onde o texto se torne algo que se usa socialmente em efetivas ações de nosso dia – a – dia, pois a língua se realiza no uso, nas práticas sociais”.

Durante o desenvolvimento do trabalho, buscou-se sempre iniciar um conteúdo tomando como ponto de partida alguma coisa ou detalhe impresso na camisa dos alunos. Assim, partindo dos textos ou temas impressos nas camisas e das discussões em sala de aula sobre os assuntos trabalhados e relacionados ao seu cotidiano, buscou-se estimular as crianças para a produção de textos pois, de acordo com Carlos Henrique Carrilho Cruz (2002), “O assunto abordado pelo professor deve estar inserido no contexto sócio-cultural dos alunos se queremos que o professor desenvolva a dimensão sóciopolítica das competências, ao lado das operações mentais de natureza cognitiva” (pág. 34).

Antes desta experiência, eles não gostavam de escrever, diziam não saber o que escrever e tinham muitas dificuldades na escrita. Buscou-se, então, estimulá-los a escrever sobre a experiência que estavam vivenciando, o que mais gostavam, o que tinham compreendido, etc. Foi proposto, também, que eles es-



crevessem e depois buscassem revisar seus textos em duplas. Essa idéia encorajou-os. Gradativamente eles foram desenvolvendo a criatividade, aprendendo a organizar suas idéias, escrever com mais clareza e melhorar a escrita, o que antes dessa experiência era algo muito difícil para eles. A construção do conhecimento ocorria de forma coletiva e eles foram aprendendo que a escrita é algo dinâmico, importante e que faz parte de nossa vida, através de momentos prazerosos de participação e interação da criança com seus pares e com o conhecimento produzido.

Este projeto foi valioso, pois, além de despertar nas crianças o gosto pela leitura, através de práticas de leitura, oralidade e escrita, lendo o que estava impresso na camisa dos colegas, trabalhando a comparação entre os vários tipos de textos e estabelecendo relações de intertextualidade entre eles, colaborou, também, para estimular a autoconfiança das crianças e sua interação com os colegas, além de estabelecer uma intertextualidade entre as várias áreas de conhecimento, pois a partir da leitura dos textos eram explorados vários assuntos.

Antes dessa experiência, as crianças não queriam sequer olhar para os textos, não tinham interesse e diziam que era muito difícil “ler um texto”, pois não tinham confiança em si mesmos.

Agora, no entanto, estão mais atentas e estimuladas, percebem a relação entre o escrito e o oral e procuram ler, descrever e interpretar tudo o que está escrito. Ao ler um texto, já fazem antecipações e conseguem identificar a idéia básica do mesmo. Isso ajudou os alunos na construção do conceito de escrita e a compreender que a escrita é uma representação formal da fala.

Essa experiência com textos impressos na camisa dos alunos possibilitou colocar a criança em contato constante com alguns tipos de textos e leituras, despertando nela duas atitudes indispensáveis à aprendizagem: o desejo (de

ler), a curiosidade espontânea quanto ao objeto de conhecimento (a língua escrita) e a aprendizagem no que diz respeito às habilidades de leitura e escrita. Com este trabalho procurou-se mostrar para os educandos que o mundo está repleto de informações e que a escrita está presente em todos os momentos de nossa vida e por isso precisamos aprender a interpretá-la.

Essa experiência despertou um olhar curioso e crítico dos alunos em relação às variadas formas de escrita a seu redor. Através da utilização desse recurso e outros procedimentos, foi possível orientar e mostrar para os alunos como são organizados os textos, qual a função de cada um deles, a impor-

***Aprender a ler se aprende lendo e quem lê, sem dúvida nenhuma, escreve melhor***



tância da leitura em nossa vida e o que colaborou para melhorar o envolvimento deles nas aulas.

A avaliação da aprendizagem foi feita de forma contínua, através da participação, das leituras, das produções escritas, etc. Comparando suas produções desde o início deste trabalho até o final do ano, percebemos como as crianças foram gradativamente aprendendo a produzir textos mais criativos e a registrar suas idéias com mais clareza. As crianças obtiveram avanços significativos na interpretação de textos, bem como nas habilidades gerais de leitura e escrita.

A falta de envolvimento nas atividades propostas em sala de aula, observada nos alunos no início do ano letivo, foi sendo substituída pela participação e maior empenho em aprender e vencer as dificuldades. Os alunos ficavam orgulhosos quando as pessoas perguntavam o que significava aquilo que estava impresso na camisa deles e eles descreviam tudo com segurança, pois era um assunto trabalhado em sala de aula. Isto também melhorou muito a auto-estima de cada um, levando-os a cuidar melhor da higiene com o corpo e com o vestuário.

Com os textos que não foram impressos em camisas foram confeccionadas muitas fichas de leitura que servem para os alunos trocarem textos, não somente na sala de aula, como em outras salas também. Como não temos uma biblioteca, fizemos um cantinho de leitura dentro da sala de aula que é cons-

tantemente procurado pelos alunos.

Por meio da exposição de vários textos impressos em camisas, da visualização constante e da leitura dos mesmos, buscou-se promover uma prática que favorecesse a reflexão sobre a nossa língua e o conhecimento da estrutura e características específicas de cada texto para desenvolver habilidades importantes de leitura. O fundamental é que a escola se converta em um ambiente propício à leitura e que busque desenvolver não apenas a competência para ler e escrever, mas também o prazer em fazê-lo.

Com esta experiência foi possível colocar a criança em contato direto e constante com os textos, propiciando uma visão e uma compreensão global que ajudou os alunos a se familiarizarem mais rapidamente com os mesmos e aprender, de uma forma dinâmica e envolvente, que há diversos tipos de textos com diferentes funções.

Procurou-se trabalhar com as possibilidades, ou seja, pesquisando textos acessíveis e imprimi-los em camisas para atrair as crianças para a leitura, visto que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura” (PCN Língua Portuguesa, p. 58).

Textos impressos em camisas desafiavam as crianças para a leitura despertando o prazer e o gosto pela mesma.



## Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação. 8ª ed. Loyola, São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 42ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

KATO, Mary. A Concepção da Escrita pela Criança. Campinas, Pontes, 1988.

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, Pontes. 1993.

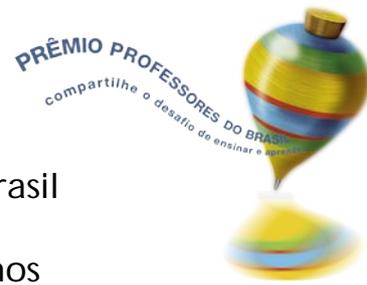
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa: de 1ª a 4ª série, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

PROCÓPIO, Mércia Maria Silva. Letra, palavra e texto: alfabetização e projetos. São Paulo: Scipione, 2001.

RIBEIRO, Lourdes E. e PINTO, Gerusa R. O Real do Construtivismo, Práticas Pedagógicas e Experiências Inovadoras. Vol. 5.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1996.



**Dados de identificação****Título:** O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo**Professora:** Regina Maria Schein dos Santos**Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Brasil****Município/UF:** Canoas/RS**Faixa etária atendida pela experiência:** 9 a 14 anos

## O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Brasil possui sete turmas, sendo duas terceiras séries e uma quarta série no turno da manhã e, no turno da tarde, duas primeiras séries e duas segundas séries. É a menor, mais carente e uma das mais antigas escolas da rede municipal de nossa cidade. Oferece um prédio em condições mínimas de funcionamento. Os equipamentos e recursos didáticos são considerados insuficientes.

Situa-se no bairro Mato Grande, na zona oeste de Canoas, região caracterizada pelo desnível socioeconômico e cultural, pela heterogeneidade entre a área de produção rural bastante desenvolvida e a área pública ocupada por invasões. Na zona mais carente, as condições de saneamento básico são inexistentes, não há espaços para o lazer, falta segurança pública, muitos não dispõem de energia elétrica ou utilizam instalações precárias através de um

ponto comum. A atividade principal é a coleta de recicláveis e biscoites.

É uma comunidade de baixo poder aquisitivo e muitos alunos vivem em extrema pobreza. Em geral, o grau de escolaridade dos pais vai até a quarta série. As famílias são numerosas e os irmãos mais velhos tomam conta dos mais novos, ocorrendo evasões por terem esta responsabilidade, além de cuidarem da casa. Muitos são os alunos que procuram a escola em busca da merenda escolar por não terem alimentação em casa.

Percebe-se, também, que a escola é um dos pontos de referência que a comunidade dispõe e concebe a escola como um meio de ascensão social que possibilita a seus filhos um futuro melhor e o resgate de valores e limites essenciais à vida, adquirindo conhecimentos básicos, principalmente de ler e escrever.

Em nossa turma temos dez meninos e quatorze meninas com idades variadas. O número de repetentes é de seis





Torneio de pião entre meninos e meninas

alunos. Em geral, apresentam-se pouco questionadores, com baixa auto-estima, necessitando de muito incentivo para que aceitem suas condições, valorizem seus trabalhos e conquistas.

Desde o início do ano, as professoras vinham trazendo material para estudarmos sobre projetos. Tivemos vários momentos de trocas e incentivo para que pudéssemos observar mais os interesses de nossos alunos e aproveitar isso para explorar nossos conteúdos de forma lúdica e prazerosa. Juntas, pensamos que todos têm o direito de aprender com alegria, com seriedade e de forma eficiente.

A escola contava com duas quartas séries, onde eu trabalhava nas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Ensino Religioso. Devido ao número de alunos, tivemos que

unir as duas turmas. Sendo assim, assumi outras disciplinas: Matemática, Ciências e Artes, ficando como educadora regente. Queria fazer o melhor para que não sentissem tanto a falta da outra professora, para que houvesse maior integração entre os alunos e pudéssemos desenvolver os conteúdos de forma contextualizada.

Nesse clima de descontração, comecei a investigar o assunto para o nosso projeto. Devido aos vários momentos em que os alunos traziam brinquedos para a escola, no pátio, na sala de aula, observei entre os meninos a presença diária de brincadeira com piões. Então ficou claro: vamos estudar sobre brinquedos. E o primeiro será este pelo qual há tanto interesse, principalmente naquele momento – o pião.

Partindo do pressuposto de que



para educar precisamos primeiramente encantar o aluno, depois desfrutar o gosto de trabalhar; de buscar o maior número de informações; de filtrar; de selecionar; de organizar o trabalho com o que já está aflorado, buscamos nas teorias que norteiam a educação os elementos necessários para a práxis educativa. Muitas das percepções e entendimentos do projeto buscamos em autores como Piaget, Vygotsky, Freinet, Freire, formando, assim, uma rede de possibilidades pedagógicas, capazes de suprir deficiências e otimizar o processo educativo.

Em Piaget, queríamos ter o referencial do estágio de raciocínio da criança, apesar de sabermos que o intervalo de idade fixado por ele não é rígido para os parâmetros atuais de conhecimento educativo, porém, nos dá um embasamento para sabermos quanto poderemos esperar das propostas planejadas.

Em Vygotsky houve inspiração, porque o professor é o mediador entre aquilo que o aluno sabe (zona de desenvolvimento real) e o conhecimento que ele poderá atingir (zona de desenvolvimento potencial). Por isso o ideal é partir daquilo que ele domina,



Produção de aluno a partir do estudo dos verbos no infinitivo



buscando sempre ampliar seus conhecimentos.

Com Freireit, descobrimos a necessidade de trazer o que estava fora da escola para dentro, procurando dar sentido a todo trabalho realizado, relacionando com o cotidiano e socializando o que os alunos haviam produzido, através de registros e relatos.

Buscamos na teoria de Freire o ensino que se caracteriza em acreditar que o educador deva se comportar como um provocador de situações: o oposto de educação bancária, tornando o ambiente educativo aberto a questionamentos e visando o aprendizado coletivo.

Refletimos sobre a fala de Celso Antunes em nosso trabalho, quando diz que: “O professor necessita ser um atento pesquisador dos saberes que o aluno possui – saberes que obteve de sua vida, suas emoções, de suas brincadeiras, suas relações com o outro e o mundo – e fazer dos mesmos, ganchos para os temas que ensina”. Pensamos que nossa prática está totalmente associada a esta proposta.

Também adotamos algumas frases reflexivas como: “Só tropeça quem está a caminho. Só erra quem é livre para tentar”, de Francisco do E. S. Neto. De Rubem Alves, “Aprender é muito divertido. Cada objeto a ser aprendido é um brinquedo. Pensar é brincar com as coisas. Brincar é coisa séria. Assim,

brincar é a coisa séria que é divertida”, pensando na complexidade e importância do brinquedo e do brincar.

Iniciamos o trabalho com a coleta de material e o conhecimento prévio trazido de cada um, produzindo, assim, um texto coletivo. Trouxemos textos xerocopiados extraídos da Internet

para leitura e dinâmica de grupo, fazendo resumo e apresentando aos colegas. Percebemos como foi difícil fazer a descrição dos vários tipos de pião, na medida em que, ao ler, identificássemos de qual estávamos falando: batatinha, cenourinha, tomatinho, cebolinha. Vimos quais

as jogadas mais conhecidas nos grupos: “Roda”, “Malhada” e “Quinau”. Estudamos os nomes das jogadas e brincamos com elas.

Entre as tribos dos Taulipáng eram encontrados piões que zuniam (assistimos ao filme “Xingu”). Variantes de piões feitos de semente de Totuma, como as que fazem zumbido, não funcionam com cordão, são giradas com as duas mãos produzindo um som opaco. Desta maneira também estudamos como é produzido o som.

Ampliando a gramática, vimos o pião como substantivo; estudamos adjetivos, plural, singular, aumentativo, diminutivo. Com o vocabulário – pião, peão, pinhão – estudamos palavras homônimas e parônimas. Rea-

**“O professor  
necessita ser um  
atento pesquisador  
dos saberes que o  
aluno possui”**



lizamos histórias matemáticas em oficina de trocas.

Tivemos uma saída de campo à Biblioteca Pública de Canoas, onde cada um pode pesquisar sobre outros brinquedos e trocar experiências, realizando uma produção textual e dividindo sua pesquisa com os colegas, bem como a história do brinquedo e sua linha do tempo. Buscamos mais informações sobre a origem muito remota do pião - que estava entre os gregos e romanos - suas localizações no mapa e seus respectivos adjetivos pátrios, estendendo a outros países o conhecimento.

Então, começamos a estudar sobre a física dos piões. Por quê? Por que quando o pião está a girar não tomba? Por que quando soltamos o pião sem girar ele cai? Para explicar essas perguntas, descobrimos na física as respostas. Aproveitamos para estudar o uso dos “porquês”. Em geografia, comparamos os piões com nosso planeta Terra. Estudamos os movimentos de rotação e translação, falamos do eixo imaginário, das estações do ano, do clima, da previsão de tempo, como ocorre o dia e a noite. Desta forma, estudamos a luz e os alunos realizaram um teatro de sombras.

Realizamos, também, uma saída de campo ao Museu da Ciência e Tecnologia, da PUC. Lá, tivemos a oportunidade de ver assuntos variados, interagir com cada material em inúmeras experiências e assuntos como sombra, luz, gravidade, lua, planetas e outros.

Como no Disco de Newton, fizemos a pintura dos piões com as cores do arco-íris, tanto na horizontal quanto

na vertical e os pusemos a girar, fazendo as devidas constatações. Através das cores, conhecemos a vida de pintores que em sua obra procuraram expressar sua leitura de mundo e conhecemos um pouco mais sobre Cândido Portinari. Fizemos, então, a releitura das obras “Menino com Pião”, “Brodowsky” e “Três Marias”.

Organizamos nossos estudos em forma de apresentação. Na “Hora Cívica”, procuramos mostrar nossas pesquisas, ocasião em que foi feito o convite para o torneio de piões, com a participação das outras turmas.

Em matemática, trabalhamos as medidas de comprimento através da feira do pião, medindo muitas delas, somando e calculando essas e outras hipóteses.

Depois do recesso escolar, comentei que ouvi sobre pipa-pião. Então, as crianças se interessaram pelas pipas. Fizemos o paralelo entre o que já sabemos e o que queremos saber: o que é uma pipa-pião, quem inventou a pipa, a origem do nome pipa, variedades de pipas, sendo sugeridas as pipas e a temperatura, anemômetros, pára-raios, eletricidade (com experimentos e filme do desenho “Tico e Teco”, contos de luz), mitos, lendas, sua participação no sonho do homem de voar.

Trabalhamos com legenda no mapa do Brasil, identificando o nome das pipas nos diversos estados e regiões. Com os verbos, trabalhamos desde a montagem até o ato de guardar o brinquedo, utilizando adequadamente os tempos verbais. Em artes, fizemos miniaturas de pipas e, posteriormen-



te, utilizamos nossas construções para a verificação das frações. Questões de segurança com o brinquedo, também foram levantadas.

Com o auxílio da equipe do “Programa de Saúde Familiar”, descobrimos a sexualidade através de brinquedos e a sua complexidade, de forma esclarecedora. Buscamos na Mitologia a explicação da diferença entre “Pipeiros” e “Eolistas”. Participamos tanto da Feira Multidisciplinar das Escolas Municipais - levando, assim, para outras realidades as nossas práticas - quanto da “Oficina de pião”, no Parque Eduardo Gomes em comemoração à Semana Farroupilha (festa popular entre os gaúchos).

Após o estudo com esses brinquedos, prosseguimos com outros brinquedos que também são praticados na escola como as bolinhas de gude, trabalhando com geometria e figuras espaciais. Contextualizamos outro assunto de grande interesse dos alunos: o carro (aproveitando as figuras, como surgiu a roda e sua importância para a humanidade), ampliando para a combustão, o surgimento do fogo e dos combustíveis. Para tanto, visitamos a Internet, explorando sites diversos sobre pipas e automóveis e o Museu do Automóvel (ambos na Universidade Luterana do Brasil, em dias alternados).

Partindo do princípio de que a ne-

cessidade de elevar a auto-estima e autoconfiança dos alunos poderia fazer a diferença no conhecimento, experimentamos momentos felizes e ficamos comovidos com os resultados. Com o procedimento através do projeto, também aumentou o vínculo entre professor/aluno. Nossas vontades eram as

mesmas, aproximamos nossos interesses, trilhamos caminhos marcados pelo entusiasmo e engajamento, dando vida a nossos conhecimentos.

Todos realizavam suas tarefas, suas produções e dividiam suas construções com os colegas. O importante era perceber-se mais no contexto, saber que “sou importante, pertenço a uma turma, a um grupo, a uma escola, eu existo”.

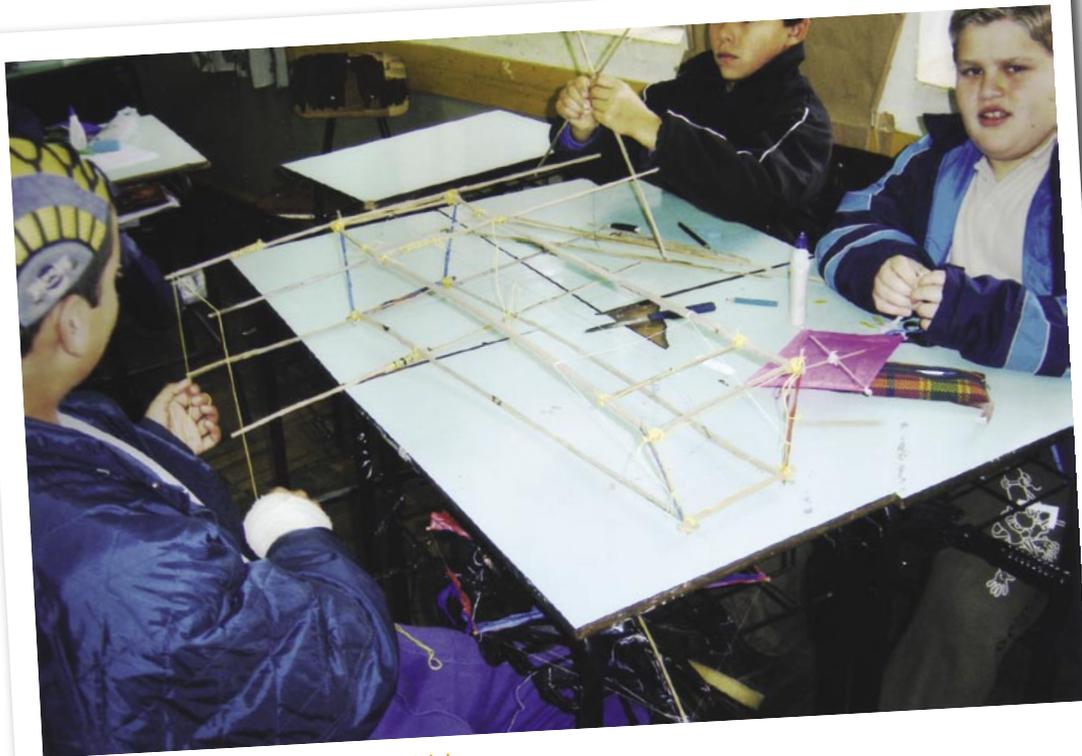
Para haver comprometimento com os estudos, é necessário saber do valor que tenho, o quanto o estudo importa para minha vida, desenvolvendo minha capacidade de contextualização.

Nos momentos de descontração e curiosidades com o brinquedo, a capacidade de concentração aumentava, pois o prazer que isso proporciona supera a imposição e torna-se construção. A leitura em voz alta já era disputada, sendo que mediávamos um tempo a todos, tendo em vista as cobranças que então eram feitas.

Nesse aspecto, alguns alunos foram resgatados da imparcialidade nas au-

***Nos momentos de descontração e curiosidades com o brinquedo, a capacidade de concentração aumentava***





Confecção de miniatura do 14 bis

las, demonstrando a alegria das suas descobertas, como em cálculos, onde pareciam inatingíveis. Como havia interação com os assuntos, também sentiram mais a necessidade de nos procurarem para esclarecimentos de dúvidas, ficando mais questionadores e investigadores.

A avaliação diária é muito importante, pois os estudantes nos conduziram a buscar as atividades que favorecessem a autonomia e a vontade de estudar. Fazer a apresentação de seus trabalhos para outras pessoas foi fundamental nesse processo, pois ao trabalhar com suas participações, todos acabam sabendo

o que o colega iria apresentar, de forma natural.

As “Saídas de Campo”, para nossas crianças, são oportunidades que, certamente, marcam muito. Para a maioria, são os únicos passeios culturais que fazem ao longo dos anos.

Quanto aos resultados obtidos nesse processo, atingimos um nível em que, certamente, em uma aula tradicional, fria, mecânica, jamais conseguiríamos. É claro que temos os pés no chão. Sabemos que, de modo geral, ainda necessitamos aprimorar a escrita dos alunos, pois apresentam muitos erros de ortografia, concordância, pontuação, enfim, ainda há



muito a ser trabalhado. Também em relação às interpretações matemáticas, para que consigam compreender as entrelinhas, não apenas números, mecanicamente (como é a tendência da maioria).

Por outro lado, ficam todos esses registros que nos alucinam e nos fazem ter orgulho de poder estar descobrindo novas portas, novos horizontes na vida de cada um. Ousar e ver que as outras áreas do conhecimento conduzem ao raciocínio lógico como os experimentos, as localizações, a temporalidade, as expressões artísticas.

Todos nós, educadores, estamos sendo convidados a mudar nossa prática. Refletir, conhecer melhor nossa comunidade e criar estratégias para envolver as crianças nos estudos.

Ao mesmo tempo em que o projeto parece dar tanto trabalho, ele nos poupa de tantas outras preocupações. O certo é que estudando, cada vez mais teremos assunto para envolver conteúdos, abrir tantas outras

portas, descobrir tantos outros talentos, fazer tantas outras experiências. Só lendo e nos aperfeiçoando é que poderemos enxergar nossos artistas, nossos atores, engenheiros.

Ficou claro que é muito importante registrar tudo o que acontece em aula, para termos a certeza de que nada nos escapou, as falas, o que deu certo o que não deu, para adequarmos o nosso planejamento de acordo com as necessidades dos alunos.

Entendo que da maneira como direcionamos nossas aulas, outro profissional que quisesse trabalhar, qualquer que fosse o assunto, teria uma boa base para organizar a sua prática através deste material. Penso que questões interdisciplinares e temas transversais estão constantemente permeando nosso processo, o que se adapta perfeitamente em outras realidades e necessidades de qualquer outra localidade do país. A idéia é perceber o que está em evidência na sala de aula e buscar, juntos, o gostinho de querer saber mais.



